



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JÉSSICA APARECIDA PORFIRIO DA SILVA

**CORPOREIDADE E NATUREZA:  
EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO NA INFÂNCIA**

---

Londrina  
2019



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

JÉSSICA APARECIDA PORFIRIO DA SILVA

**CORPOREIDADE E NATUREZA:  
EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO NA INFÂNCIA**



LONDRINA – PR  
2019

JÉSSICA APARECIDA PORFIRIO DA SILVA

**CORPOREIDADE E NATUREZA:**  
EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO NA INFÂNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeani Delgado Paschoal Moura

Londrina  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

- S586c Silva, Jéssica Aparecida Porfírio da .  
Corporeidade e natureza : experiência e percepção na infância / Jéssica Aparecida Porfírio da Silva. - Londrina, 2019.  
80 f. : il.
- Orientador: Jeani Delgado Paschoal Moura.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2019.  
Inclui bibliografia.
1. O objetivo dessa pesquisa foi compreender a relação da criança com a natureza por meio de suas percepções e experiências na infância, fase decisiva do desenvolvimento corporal, pessoal e da construção de valores. - Tese. I. Delgado Paschoal Moura, Jeani . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU 91

JÉSSICA APARECIDA PORFIRIO DA SILVA

**CORPOREIDADE E NATUREZA:**  
EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO NA INFÂNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, como etapa obrigatória da dissertação, requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeani Delgado Paschoal  
Moura  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloiza Cristiane Torres  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciene Risso  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Filho - UNESP

Londrina, 17 de maio de 2019.

Aos meus pais Divaneth Aparecida da Silva e Valdei Porfirio da Silva, a minha irmã Mayara Aparecida Porfirio da Silva, pessoas especiais que são minha fortaleza, me apoiam e incentivam no caminhar da minha vida pessoal e acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

À **Deus**, que me deu o dom da vida e me dá forças para trilhar o caminho acadêmico em busca de conhecimento e sabedoria.

Aos meus pais **Divaneth e Valdei**, de todo o meu coração, por tudo que tenho e tudo que sou, pois sem eles, nada seria possível.

À minha irmã **Mayara**, que após se mudar para Londrina muito me ajudou e foi meu ombro amigo nos dias controversos que passei nesta cidade.

À minha família e amigos que sempre estão ao meu lado, me proporcionando momentos de alegria e amor.

Ao meu namorado **Augusto**, que desde que entrou em minha vida só contribuiu com a minha felicidade e crescimento pessoal, me dando forças, amor e apoio nos momentos de dificuldade.

À professora e orientadora **Jeani Delgado Paschoal Moura** por seu apoio e inspiração durante essa trajetória, sempre cheia de luz, conhecimento e força de vontade. Na qual expressei uma grande admiração.

Às professoras **Eloiza Cristiane Torres e Luciene Risso**, por aceitarem participar do processo de construção desta pesquisa, com contribuições valiosas que foram imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

Ao grupo **Pet de Geografia**, pelo auxílio e monitoria durante a aula-passeio no Jardim Botânico de Londrina.

A **Universidade Estadual de Londrina**, e ao **Departamento de Geografia**, por me proporcionar essa oportunidade única de desenvolvimento acadêmico, profissional e crescimento pessoal.

A todos os professores que fizeram parte e contribuíram no decorrer desses dois anos, sendo fonte de inspiração e conhecimento, que me fascinou a cada disciplina.

Aos amigos de curso, no qual compartilhamos grandes momentos na disseminação do conhecimento e experiências, desejo a todos muito sucesso, sempre me lembrarei dos nossos momentos juntos.

A **Escola Municipal Osvaldo Cruz**, que me acolheu nessa nova experiência como professora do Ensino Fundamental I, e também abriu as portas para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

Em especial a minha primeira turma, o **3º ano C** de 2018, que me acolheu e me ensinou mais do que eu os ensinei, meu muito obrigada! Vocês sempre terão um espaço reservado em minhas memórias e em meu coração.

A todos que de alguma forma cruzaram o meu caminho e me fizeram evoluir, na minha vida pessoal, profissional, acadêmica e espiritual, desejo que todos encontrem o seu caminho, e eu continuarei a seguir o meu.

SILVA, Jéssica Aparecida Porfírio da. **Corporeidade e natureza: experiência e percepção na infância.** 2019. 80 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina/UEL, Londrina, 2019.

## RESUMO

A sociedade moderna, tem apresentado um movimento de afastamento em relação a natureza/Natureza, culminando em uma perda crescente da conexão entre homem e natureza. Em meio a este contexto esta a criança, a qual desde a sua primeira infância interage com o mundo em resposta a estímulos externos, revelando por meio da sua corporeidade, a singularidade com que interpreta o mundo ao seu redor. A natureza proporciona a criança desenvolver diversas habilidades, ampliando suas memórias e sensações, propiciando assim um ambiente favorável à sua corporeidade e humanidade, via uma relação de empatia. Considerando tal problemática, o objetivo dessa pesquisa foi compreender a relação da criança com a natureza por meio de suas percepções e experiências na infância, fase decisiva do desenvolvimento corporal, pessoal e da construção de valores. Fundamentada pela Fenomenologia da experiência, da imaginação e na filosofia de Merleau-Ponty, pautada em uma lógica descritiva e compreensiva, esta pesquisa foi balizada pela metodologia qualitativa, com a pesquisa participante junto as crianças das séries iniciais do ensino fundamental I, colaboradoras da presente investigação, por meio de experimentações de interação entre estas em alguns ambientes intencionalmente selecionados para as intervenções pedagógicas e investigativas. Nossos resultados evidenciaram que frutos importantes podem ser semeados durante a infância, visto que ao longo das investigações observamos que as crianças necessitam manter um contato com a natureza fora delas, criando laços com o seu eu/natural e enxergando-se como parte da natureza e não como detentoras dela. Concluímos que a compreensão das experiências da criança, bem como da forma como ela relaciona-se com o mundo em si e com a natureza, fornece subsídios importantes que indicam a necessidade de uma educação ambiental vivencial, mediada pela escola, provendo a criança de experiências que visam seu desenvolvimento humano e altruísta.

**Palavras-chave:** Criança. Natureza. Experiência. Escola.

SILVA, Jéssica Aparecida Porfirio da. **Corporeity and nature:** experience and perception in childhood. 2019. 80 p. Dissertation (Master in Geography) – Universidade Estadual de Londrina/UEL, Londrina, 2019.

## ABSTRACT

Modern society has shown a movement away from Nature/Nature, it has culminating in the loss of connection between man and nature. Between to this context it is the child, who from his earliest childhood, interacts with the world in response to external stimuli and in its simplicity and innocence, through his corporeity reveal ways of being and thinking his particular world by games and their playfulness. Nature provides the child with a variety of abilities, expanding his memories and sensations, creating an favorable environment to his corporeality and humanity, through a relationship of the empathy with nature. This research aim understand the relation of the child to nature through his / her perceptions and experiences in this decisive phase of corporal, personal development and the values construction. Based on Merleau-Ponty's Phenomenology of experience, imagination and philosophy, based on a descriptive and comprehensive logic, this research was based on a qualitative methodology, with participatory research with children in the initial grades, elementary school I, who collaborated with the present research, through experimentation of interaction between them in some environments intentionally selected for pedagogical and investigative interventions. Our results suggested that in childhood important seeds can be sown, since that during the research development we observed that children need to maintain contact with nature outside them, creating bonds with their natural self and seeing themselves as part of nature and not as her holder. We conclude that understanding the child's experiences, as well as how relates to the world itself and to nature, provides important insights that indicate the need for experiential, school-mediated environmental education, providing the child with experiences which aim at their human and altruistic development.

**Keywords:** Child. Nature. Experience. School.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b>	Mapa indicando a localização da Escola Municipal Osvaldo Cruz, Londrina, PR.....	32
<b>Figura 02:</b>	Faixa da Escola Municipal Osvaldo Cruz .....	32
<b>Figura 03:</b>	Pavilhão antigo .....	33
<b>Figura 04:</b>	Pátio da escola.....	34
<b>Figura 05:</b>	Recepção, sala dos professores, biblioteca.....	35
<b>Figura 06:</b>	Pavilhão em alvenaria.....	36
<b>Figura 07:</b>	Portão de entrada e saída dos alunos .....	37
<b>Figura 08:</b>	Horta com canteiros e mudas. ....	38
<b>Figura 09:</b>	Estacionamento e quadra. ....	39
<b>Figura 10:</b>	Nuvens de algodão. ....	46
<b>Figura 11:</b>	Noite e dia.....	46
<b>Figura 12:</b>	Baobás .....	47
<b>Figura 13:</b>	Natureza criativa .....	48
<b>Figura 14:</b>	Arco-íris .....	48
<b>Figura 15:</b>	Flores coloridas.....	50
<b>Figura 16:</b>	Árvores frutíferas.....	51
<b>Figura 17:</b>	Menino natureza.....	51
<b>Figura 18:</b>	Peixes no chão .....	52
<b>Figura 19:</b>	A menina na natureza .....	53
<b>Figura 20:</b>	Mapa indicando a localização do Jardim Botânico de Londrina, PR.....	59
<b>Figura 21:</b>	Curiosidade .....	60
<b>Figura 22:</b>	Olhe para cima.....	61
<b>Figura 23:</b>	Cadê a árvore que estava aqui?.....	62
<b>Figura 24:</b>	Espelho d'água.....	63
<b>Figura 25:</b>	O livre brincar na natureza .....	63
<b>Figura 26:</b>	Natureza é lugar de brincar.....	64
<b>Figura 27:</b>	Mensagem.....	64
<b>Figura 28:</b>	Trilha interpretativa .....	65
<b>Figura 29:</b>	Roda da interação.....	66
<b>Figura 30:</b>	Piquenique ao ar livre.....	66

## SUMÁRIO

[PRÓLOGO].....	11
INTRODUÇÃO.....	14
<b>1. A CRIANÇA E O CORPO-NATUREZA.....</b>	<b>19</b>
<b>2. PERCEPÇÃO, EXPERIÊNCIA E IMAGINAÇÃO NA INFÂNCIA.....</b>	<b>28</b>
2.1 ESCOLA: O 'LUGAR' DA EXPERIÊNCIA.....	31
2.2 PAISAGEM E EXPERIÊNCIA: PERCORRENDO POR CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	41
2.3 OS DESENHOS E O IMAGINÁRIO NA INFÂNCIA.....	45
2.4 AS BRINCADEIRAS.....	54
2.5 AULA-PASSEIO NO JARDIM BOTÂNICO.....	57
<b>3. O REENCANTAMENTO DA NATUREZA PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>72</b>
[CONSIDERAÇÕES FINAIS].....	76
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXOS.....	80

**[PRÓLOGO]**

Ao iniciar a dissertação, deparei-me com pensamentos sobre a minha infância e o contato que tive com a natureza. Isso me conduziu a refletir sobre como as minhas experiências lúdicas com a natureza interferiram em minha atual percepção de mundo. Dentre tantos pensamentos e lembranças presentes em meu imaginário - desde que assumi um concurso público de docente no Ensino Fundamental I e agora com a dissertação – perco-me nas memórias de minha meninice, por entre estas a experiência do contato direto com a natureza se sobressai.

Aos cinco anos de idade mudei-me para um bairro/vila afastado do centro da cidade, em uma casa pequena, sem muros, sem asfalto, onde meus pais residem até hoje. O local era repleto de crianças, permitindo-me crescer em meio a brincadeiras, tendo um contato puro e pleno com as forças da natureza. O chão sem asfalto, com pedreiras falhas, no qual brinquei de corrida, esconde – esconde, queimada, bet's; as árvores foram crescendo junto comigo, como uma extensão do meu ser, nas quais eu subia e brincava de casinha, fazendo dos galhos meus aposentos, dependurava-me, escondia, e algumas vezes caía.

O rio em que nadava escondida dos meus pais e a mata que eu e meus amigos entrávamos e inventávamos histórias de terror, a fim de deixar a situação empolgante... Recordo-me dos coelhos que íamos "caçar", nunca consegui pegá-los, ainda bem, pois não teria onde abrigá-los. A pipa que soltávamos em dias ventosos... Lembro-me de quando as seringueiras enormes, cheias de arbustos e cipós, foram arrancadas de uma praça no centro da cidade, e tiveram seus troncos depositados em um terreno vazio perto da minha casa, foi um presente e tanto para a criançada, mas uma perda enorme para a cidade, brincamos muito nesses troncos e surgiu o comentário que neles haviam cobras, fato que não duvidávamos, porém, tivemos a sorte de nunca vê-las. Nos dias

chuvosos tudo era lama e saíamos para brincar na enxurrada, foram tantas brincadeiras, porém minha maior lembrança é o espaço, o lugar, onde elas aconteceram.

O tempo foi passando e o bairro/vila sofreu modificações, cresceu e evoluiu, as casas que eram todas iguais a princípio foram tomando forma diferente, uma das outras, muros e asfalto foram construídos e a cidade também cresceu, vindo ao encontro do bairro. Essas mudanças proporcionaram melhorias para os moradores, conforme fui crescendo, passei a enxergá-lo de forma diferente, agora com um olhar adulto, desprovido do encantamento e da pureza de menina não contemplo mais a magia ao seu redor. No entanto as lembranças permanecem inabaladas em minha memória, as imagens, cheiros, texturas, sons e cores, ainda são mágicas e encantadoras.

No decorrer da minha infância, adolescência e juventude nunca me distanciei da natureza, esta que sempre me encantou, fez e faz parte da minha vida de forma efetiva, pela a qual detenho tamanho amor, fraternidade e respeito.

Quando comecei a cursar a faculdade de Licenciatura em Geografia, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), em Cornélio Procópio, meu amor pela natureza aflorou ainda mais. Os trabalhos de campo promovidos pelos professores da Universidade, oportunizaram-me conhecer lugares fantásticos que certamente não conheceria se tivesse optado por outro curso, dentre tantos lugares, não posso deixar de citar o mar, que conheci aos 19 anos por intermédio de um dos trabalhos de campo, sou imensamente grata aos professores que passaram por mim e proporcionaram tamanhas aventuras, estas também contribuíram para a construção dessa pesquisa.

Ao me deparar com a oportunidade de cursar um mestrado, não hesitei no tema e trouxe para meu trabalho algo que penso ser fundamental para a construção de valores de um indivíduo, desde a infância até seu último suspiro: o contato e o amor pela natureza e por tudo que ela representa.

Nossas experiências são fundamentais na construção da personalidade, essência e visão de mundo, sendo extremamente valiosas na formação do indivíduo. Por estar inserida em um ambiente cercado de crianças, foi inevitável pensar nas experiências que essas vivenciam, seja no ambiente escolar, em casa, ou em outros espaços de

convivência. Minhas experiências na infância contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, pois, por meio delas faço correlações com as que vivo atualmente, refletindo sobre as mudanças do mundo desde meu tempo de criança até a atualidade, questionando se as brincadeiras e momentos de contato com a natureza natural, são desfrutadas, não restringindo estas experiências apenas a natureza dos centros urbanos, modificada e acinzentada, o que não deixa de ser uma natureza, mas que não me desperta tanta fascinação. Sendo assim torno a meditar sobre qual natureza estas crianças vivenciam nesta época?

Considerando minha infância repleta de natureza, somada às observações na escola e a reflexão acerca do contato atual das crianças com a natureza, me vi na incumbência de investigar esse movimento. Na atualidade, as crianças possuem uma percepção abstrata da natureza natural, resultado do afastamento destas provocado pela urbanização e pelo crescimento da cidade, quando os espaços comunitários se encurtam, limitando os locais de convivência, experiência e brincadeiras, bem como o contato direto com os elementos da natureza.

## INTRODUÇÃO



Esta dissertação emergiu da necessidade de investigar a criança, em sua corporeidade<sup>1</sup>, por meio das relações que desempenha com os elementos que a rodeia, especialmente no que tange o contato dessa com a natureza presente no ambiente urbano. Seguindo as ideias de Merleau-Ponty (2006), de que não há oposição entre o humano e o natural, pois é o corpo que nos permite existir/viver, ver, e conhecer o mundo. Assim como, as ideias de Tuan (2012), que buscou entender o mundo humano por meio do estudo das relações pessoais com a natureza, seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. Diante dessas concepções o presente estudo adquire sustentação e incentivo, para buscar compreender o papel do contato com a natureza durante a infância para com o desenvolvimento humano.

A criança que vive na cidade, em contato com elementos urbanos, como: asfalto, semáforos, ônibus, carros, prédios e comércios, bem pouco experiência a natureza natural e, via de regra, não percebe a ação transformadora e dinâmica da natureza ao seu redor, que acontece na construção das casas e prédios e/ou dos produtos primários embalados nas prateleiras, movendo a vida na cidade. Talvez seja difícil para certas crianças imaginarem que o leite pasteurizado tem sua origem em um processo de ordenha feita manualmente, em curral, ou de uma forma automatizada. É preciso ter olhos aguçados e experientes para perceber que tudo o que nos rodeia provem da natureza, vista como recurso para atender as “necessidades” humanas.

No início da pesquisa, perseguia-se a ideia de que havia um estado de estranhamento entre natureza e homem, este que não se vê como parte daquela. A

---

<sup>1</sup> Entende-se por corporeidade a “maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo” (OLIVIER, 1995).

criança, em sua corporeidade, vive e experiencia o ambiente urbano, porém devido a presença de uma natureza transformada, não estabelece elo com a mesma, embora seja parte desta. Em razão disso, uma visão antropocêntrica vai sendo construída ao longo da vida, sendo interiorizada ao pensamento moderno, em que o homem adota um posição superior às demais espécies, vendo a natureza apenas como um recurso a ser explorado. Mas, como aprender a respeitar a natureza se, desde a infância o homem mantém-se distante dela e não convive com seus elementos? Esse “desgarramento” da natureza pode acarretar o total descompromisso com a sua preservação.

Por outro lado, a criança possui uma curiosidade natural pelo mundo em que vive, visto que desde muito cedo, na primeira infância, percorre pelos espaços, investigando-os minuciosamente, como um “pequeno geógrafo”. Para que possa ser formada uma consciência ambiental permanente, em que valores e o respeito para com o ambiente sejam construídos, tais laços entre criança/natureza devem ser incentivados na infância, pois essa fase da vida é decisiva para a construção de valores.

Nessa perspectiva investigamos a construção do elo entre a criança e a natureza, considerando o atual cenário geográfico, cultural e social, com o objetivo de compreender os diferentes modos de perceber a natureza na infância, estimulada pela experiência do contato (ou não) com os elementos naturais presentes na cidade.

A premissa deste trabalho pautou-se na concepção da natureza como educadora, daí a importância do contato com a mesma, de forma que a criança seja pensada como sujeito racional, que se posiciona no mundo e é capaz de aprender com suas experiências, sendo necessário experienciar a natureza de forma autêntica, para que tais laços possam ser reforçados e enraizados em sua essência.

Percorrendo os caminhos da Geografia Humanista junto ao método fenomenológico, o qual, conforme descrito por Merleau-Ponty (2011), se constitui como “o estudos das essências”, “a essência da percepção, a essência da consciência”. Por meio da fenomenologia geográfica, são abertas possibilidades de pensar a criança e as relações dessas com o mundo em sua corporeidade, buscando desvelar o seu contato

com natureza em ambientes urbanos, pelos caminhos da percepção e experiência, temas relevantes que sustentarão esta pesquisa.

Em decorrência da abordagem metodológica, optamos por trabalhar com a pesquisa qualitativa, considerando que a abordagem qualitativa enquanto exercício de pesquisa permite ao pesquisador uma compreensão do indivíduo através das percepções e experiências, destacando o caráter subjetivo do método e possibilitando a compreensão de fenômenos atuais, dentro de um contexto de vida real (GODOY, 1995). O trabalho apoiou-se na pesquisa participante, em que o pesquisador participa das atividades do grupo investigado, contribuindo na elucidação dos problemas levantados na pesquisa a fim de compreender o fenômeno em sua essência. No designo de assim diminuir a distância entre a teoria e prática do conhecimento, por meio do método fenomenológico, pautado em uma lógica descritiva e compreensiva, onde o foco central foi compreender e observar a criança, suas percepções e experiências, bem como a maneira que ela posiciona-se no mundo, mediante o contato com a natureza através do seu corpo.

O trabalho almejou contribuir para o avanço do pensamento geográfico, ao abordar o conceito de paisagem, ou seja, “[...] onde existimos, onde nosso cotidiano real está estabelecido”, acrescentando ainda que a “[...] imagem, a sensação, o cheiro, e os sons de uma paisagem cercam o indivíduo desde o começo da vida” (LOUV, 2016, p.76).

O local de investigação do trabalho foi a Escola Municipal Osvaldo Cruz, construída na gestão do prefeito Hugo Cabral, uma das escolas mais antigas do município de Londrina/PR, localizada no Jardim Santa Joana, com 70 anos de atuação. Fundada em 1948, a princípio uma escola isolada que pertencia a zona rural, em 1982, passou a pertencer a zona urbana, atualmente apresenta-se como uma das principais escolas de inclusão do município, simples, porém acolhedora. O foco foi investigar a realidade dos alunos do 3º ano C, no ano de 2018, com crianças na faixa etária de 8 a 10 anos de idade e a relação que eles possuem com a natureza em ambientes urbanos, neste caso, no município de Londrina, PR.

Nossos “pequenos geógrafos”, foram estimulados a pensar, experienciar, perceber e imaginar a natureza/Natureza. Para alcançar o que esta pesquisa se propôs foram realizados diversos momentos de interação com/entre as crianças na busca de informações, tais como roda de conversa, desenhos e uma aula-passeio ao Jardim Botânico de Londrina, além de relatos de conversas, oficinas de desenhos e escrita livre. O modo como elas se posicionam ao entrar em contato com um ambiente natural, pode nos ajudar na compreensão de como percebem e se relacionam com a natureza fora delas, principalmente, através das brincadeiras, ferramenta primordial para a sua interação com o mundo.

Esta pesquisa foi dividida em três seções:

A primeira, *A Criança e o Corpo-Natureza*, aborda o corpo e a corporeidade na infância, e a noção de natureza a partir de estudos do filósofo francês Merleau-Ponty.

A segunda, *Percepção, Experiência e Imaginação na Infância*, em que se discute a experiência e percepção da natureza na infância, sendo dividida em quatro subseções: 2.1 “*Escola: o ‘lugar’ da experiência*” apresenta a Escola Municipal Osvaldo Cruz, onde parte das atividades foram realizadas, trazendo através de fotografias e descrições, sua realidade, singularidade e peculiaridades; 2.2 “*Paisagem e experiência: percorrendo por caminhos metodológicos*”, discute a paisagem e como as crianças brincam e percebem a natureza, experienciando as diferentes paisagens de seu cotidiano, e também os encaminhamentos metodológicos direcionados a captar as vivências e experiências dos estudantes; 2.3 “*Os desenhos e o imaginário na infância*” trata do imaginário das crianças e sua noção de natureza representados por desenhos; 2.4 “*As brincadeiras*”, busca a essência de ser criança com suas brincadeiras preferidas, investigando a sua realidade na escola e fora dela; 2.5 “*Aula-passeio no Jardim Botânico*” apresenta a proposta de reconexão com a natureza com uma aula passeio no Jardim Botânico de Londrina, com reflexões acerca da percepção, experiência e imaginação na infância e seus desdobramentos em relação ao contato criança/corpo/natureza.

Na terceira parte, *O Reencantamento da Natureza pela Educação Ambiental*, momento em que defende-se a necessidade de estimular a reconexão humana com a natureza desde a mais tenra idade, papel que cabe, em parte, à escola.

## 1. A CRIANÇA E O CORPO-NATUREZA



A criança se relaciona com o mundo através do corpo, este que é o oposto de representações conscientes, o sentir mesmo. Nesse capítulo discutiremos o corpo e sua corporeidade na infância e a noção de natureza em Merleau-Ponty (2006), buscando a reconexão do sujeito-criança com o mundo material, mais especificamente com a natureza presente em ambientes urbanos.

Durante o levantamento bibliográfico, nos deparamos frequentemente com questões relacionadas a criança na infância, bem como a devida atenção que devemos dar a essa fase do desenvolvimento, principalmente em relação ao corpo, pois durante a evolução da criança, a qualidade da corporeidade é um dos principais pilares que darão sustentação a sua interação com o mundo.

Ao trabalhar o termo corporeidade e a relação da criança com a natureza, as contribuições do filósofo Merleau-Ponty são imprescindíveis.

Maurice Merleau-Ponty é considerado um dos mais importantes filósofos franceses do século XX. Nascido em 1908, faleceu precocemente, em 1961, vítima de embolia pulmonar. Fez parte, na década de 1930, de uma juventude que transformou a tradição filosófica na França: uma "geração de descontentes" com a tradição do ensino de Filosofia e que propunha que o conhecimento filosófico falasse do mundo "em carne e osso"; configurou-se assim, o existencialismo francês. Merleau-Ponty foi responsável pela cátedra de Psicologia da Criança e Pedagogia na Universidade de Sorbonne, em Paris, entre o final da década de 40 e início da década de 50 do século XX". É possível afirmar com segurança que Merleau-Ponty é um pensador de suma importância para o educador que pretende interpretar a criança e suas relações com o mundo, consigo mesma e com o outro; o filósofo foi o único fenomenólogo que deixou uma contribuição focada na criança e na primeira infância (MACHADO, 2010, Contracapa).

Ao transcorrer tanto na leitura como na escrita em Merleau-Ponty e sua contribuição para compreensão da corporeidade, alguns conceitos são indispensáveis e usuais em suas obras.

Não há nada mais precioso para compreender a noção fenomenológica do corpo do que os três aspectos simultâneos, tal como apresentado pelos analistas existenciais: *o mundo circundante* (*Umwelt*, chamado usualmente "ambiente" ou mundo biológico), *o mundo das inter-relações* (*Mitwelt*, o mundo dos nossos semelhantes e o *mundo próprio* (*Eigenwelt*, o mundo das relações pessoais consigo próprio). A corporeidade abarca, necessariamente, as três dimensões, algo que Ludwig Binswanger (*apud May*, 1977, p 86-87) nomeia como o *nível ôntico-antropológico do existir humano* (MACHADO, 2010, p.34-35).

Para discutir o tema do corpo, Merleau-Ponty apresenta este conceito como um receptáculo das percepções, "O corpo humano, portanto é corpo que se move e isso quer dizer corpo que percebe", ou seja, "o corpo como sujeito do movimento e sujeito da percepção" (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 337).

Em relação a criança podemos voltar-nos para a necessidade do movimentar-se, algo natural na infância, enquanto acordada, a criança se mantém ativa e em movimento na maior parte do tempo, buscando novas percepções e descobertas e explorando o espaço em que está inserida. Ela traçará através de sua corporeidade um caminho de "empatia com o mundo, com as coisas, com os animais, com os outros corpos – tendo também um "lado" perceptivo" (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 338).

Para reatar o estudo da Natureza Merleau-Ponty retoma "à Natureza de que "somos", e a Natureza em nós", para o filósofo é necessário situar o corpo-humano em conjunto na Natureza. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 345).

O autor apresenta a relação mundo mais corpo, através do esquema corporal que fornece uma leitura de mundo "o corpo é o mensurador do mundo, eu estou aberto para o mundo porque estou *dentro* por meu corpo" (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 350).

Merleau-Ponty, discorre acerca do corpo como "animal de percepções", visto que nossos sentidos são envoltos de instinto "a um *Umwelt* compatível com o exterior".

Podemos dizer que é o corpo com “juízos naturais” que respondem aos estímulos de maneira precisa, os sentidos nos “permitem uma leitura do mundo” sendo o corpo um mediador, pois possibilita-nos ver, tocar, sentir, conhecer, viver, existir.

E nesse sentido, a natureza apresenta-se como a principal e mais eficiente ferramenta de interação do corpo com o mundo, “A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos” (LOUV, 2016, p.29).

É na infância que a criança cria relações íntimas com o meio e desenvolve sua corporeidade, para tal as brincadeiras são a principal ferramenta que ela dispõe. As crianças brincam de tudo que é possível, no espaço que lhe é ofertado. Essa relação da criança com o brincar deve ser incentivada em casa, na escola, ou em outros ambientes. “Basta deixá-las imaginar, observar, investigar, vivenciar e criar com as ferramentas naturais que elas têm, a natureza é a principal delas. Deixá-las serem crianças na essência do que criança é” (VILLELA *apud* LOUV, 2016, p. 16).

O brincar é uma ferramenta eficiente de interação com o mundo, crianças privadas de brincar, seja por falta de amigos, de espaço, ou pelo atual cenário da sociedade, em que muitas crianças vivem trancadas em suas casas, apartamentos, em que o brincar se faz por meio de videogames, computadores, celulares e demais instrumentos tecnológicos, acabam por serem privadas do brincar ao ar livre, bem como correr, pular, se esticar, entre outras possibilidades. Neste cenário, as crianças podem sofrer um atraso em seu desenvolvimento físico, pois a qualidade da corporeidade depende dos estímulos recebidos na infância, e nada melhor para a criança do que brincar ao ar livre, desfrutando da natureza, com gramados, árvores, relevos, animais, rochas, vento, chuva, água, e outros componentes que a natureza oferece.

Brincar na areia, participar de piqueniques à sombra das árvores, pendurar-se nelas, encantar-se com o canto dos pássaros ou com a beleza das flores, tomar banho de chuva, cultivar uma horta, criar uma escultura a partir de um galho e descobrir como a vida se desenvolve são experiências importantes que colocam a criança frente à beleza e ao mistério da vida. Simultaneamente, a qualidade sistêmica da

natureza oferece à criança a noção de complexidade e interdependência, valores fundamentais para pensar sua ação no mundo e as próprias relações sociais, incluindo reflexões sobre o paradigma antropocêntrico. Portanto, se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros territórios educativos, talvez não aconteçam na vida de grande parte das crianças, empobrecendo o repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar. Experiências estas que permitem à criança se misturar ao mundo construindo aprendizagens significativas e subjetividades (TIRIBA, 2018, p.22).

No entanto, esta nova cultura imposta a infância contemporânea, principalmente nos grandes centros urbanos, em que a criança não dispõe desses componentes, limitando suas relações ao convívio rotineiro casa/escola, vem promovendo um desinteresse por parte da criança em relação a natureza, um afastamento motivado pela ausência de vivência em espaços naturais, logo, por não conhecer, a mesma não sente falta. No entanto, ao ser privada desse contato, ela está rompendo laços que serão imprescindíveis para a construção do seu futuro, bem como o futuro da humanidade, que infelizmente não caminha para tempos afáveis.

Sobre a natureza/Natureza, termo fundamental para a construção desse diálogo, a representação clássica de natureza para a maioria dos indivíduos é aquela imposta e aceita em uma relação cultural de um termo imposto pela sociedade, que por sua vez, faz relação às ciências naturais, a natureza das plantas, árvores, animais, flores, insetos etc.

Ao estudar a noção de natureza, Merleau-Ponty (2006, p. 4), não se preocupa em relacioná-la com ideias clássicas estabelecidas pela filosofia ou ciências ao afirmar "a Natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto, ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta" (NOBREGA, 2014, p. 1177).

A Natureza como ontologia, nos traz questões relacionadas aos desdobramentos do corpo e do sensível, de tal modo que voltamos ao tema central deste trabalho, que almeja refletir sobre o contato da criança com a natureza em ambientes urbanos, bem como a forma pela qual a criança associa o seu corpo com a

natureza, ou seja, natureza e natureza, pois nós somos a própria natureza, estamos inseridos nela, fazemos parte dela, somos ela.

A criança faz parte da natureza, como a natureza faz parte dela, podendo ser comparada a uma flor, a qual precisa dos nutrientes oferecidos pela natureza para se desenvolver de forma saudável.

Para refletir o conceito de Natureza proposto por Merleau-Ponty, é necessário pensar na maneira pela qual o objeto natural é visto através da percepção do corpo. Ao pensar nesta reconexão do nosso corpo natureza, com a natureza natural, podemos fazer uma analogia aos tempos remotos, o que seria “retomar a ideia do sujeito transcendental, no caso do humano ou do naturalismo, com a prevalência do meio ambiente sobre o sujeito” (NOBREGA, 2014).

Na Pré-história não havia distinção entre o homem e a natureza, o que levou a essa dicotomia foi o desenvolvimento da técnica em relação aos recursos naturais, nos desdobramentos da evolução humana, em que o homem foi adaptando-se e sobressaindo-se frente ao meio ambiente, dominando-o. Esse domínio induziu o homem a um grande equívoco, se não o maior equívoco de toda a história da humanidade, em que o “ser homem” vê-se superior aos demais elementos da natureza, afastando a percepção de ser semelhante. De acordo com Merleau-Ponty (2006, p. 332) “pela natureza em nós podemos conhecer a Natureza e, reciprocamente, é de nós que nos falam os seres vivos e o próprio espaço, trata-se de captar no exterior os raios que convergem para o foco do Ser”.

Ao estudarmos o tema corpo e natureza em Merleau-Ponty, Nóbrega (2014, p. 1188) nos traz algumas contribuições, “para Merleau-Ponty o homem não é uma animalidade acrescido de razão, por isso se faz necessário um estudo da vida e da cultura, uma escavação do seu ser, para mostrar a arqueologia do corpo e a estesiologia<sup>2</sup>”. De tal modo que:

---

<sup>2</sup> A estesiologia expressa, esboça, contém uma filosofia do corpo como carne, que é o oposto de representações conscientes, mas que é o sentir mesmo (MERLEAU-PONTY, 1995). Essa noção é indicativa do deslocamento ontológico na filosofia de Merleau-Ponty (NOBREGA, 2014).

[...] a passagem do tempo está inscrita em nosso corpo, assim como a sensorialidade, configurando a arqueologia do corpo em Merleau-Ponty (1995). A partir dessa arqueologia do corpo, compreende-se que a percepção não é uma descrição do mundo, da experiência ao modo positivista da questão, mas criação de sentidos, a permitir que a natureza continue sob as criações humanas (NOBREGA, 2014, p. 1183).

Compreende-se assim que embora o homem tenha dominado a natureza em alguns aspectos, sobressaindo-se quanto ao modo de vida natural por meio do avanço das técnicas, não é possível que este como "ser natural" desvincule-se das marcas do passado, pois por meio dele foi desenvolvido e moldado o modo de vida contemporâneo.

Nesse sentido é possível afirmar que a natureza sempre terá muito a nos oferecer, tendo como exemplo: a medicina, com o emprego de substâncias extraídas de plantas que auxiliam no tratamento de patologias ainda sem cura; a mineração, por meio da qual os metais são extraídos e utilizados como ferramentas facilitadoras da vida cotidiana e ou ainda combustíveis fósseis, que podem estar escondidos nos oceanos e subsolos, ou seja, a natureza em sua magnitude, mesmo sofrendo com o modo de vida adotado pela sociedade moderna, sempre irá sobressair-se às criações humanas, pois ela é maior que nós, uma vez que esta é parte de nós e nós somos parte dela, de tal modo que nossa arqueologia e experiências estão atrelados a este espaço que nós habitamos na natureza fora de nós.

A experiência revela sob o espaço objetivo, no qual finalmente o corpo toma lugar, uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o invólucro e que se confunde com o próprio ser do corpo. Ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é o espaço (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 205).

Ao perder o contato com a natureza, estamos nos afastando das nossas origens, perdendo-nos de nós mesmos e quanto maior esta distância, mais difícil será retomar tais vínculos, passando a não enxergar a natureza como parte de nós, como nós na natureza, como ela presente em nós e nós presente nela. Criando assim, uma distância entre corpo e objeto, o corpo como natureza e o objeto como natureza modificada

pelo corpo. “Portanto, é necessário para nós, por exemplo que a Natureza em nós tenha alguma relação com a Natureza fora de nós, é necessário até mesmo que a Natureza fora de nós seja desvelada pela Natureza que nós somos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 332).

No entanto, esta Natureza/natureza de que falamos, só pode ser percebida através de nós, enquanto indivíduos que percebemos, vivemos e a experienciamos. A criança em sua corporeidade no processo de descoberta do mundo, quando tudo apresenta-se novo, não se enxerga como indivíduo oposto a natureza, exemplo disso, é a forma que ela se posiciona ao ver um animal, seja um cachorro inofensivo ou um animal perigoso, ela não distingue sua animalidade, seu instinto, que pode ser feroz, e na maioria das vezes, ela buscará se relacionar com aquele animal, o imitará, tocará e se sentirá como igual, fica a critério do adulto supervisionar e cuidar.

Nesse sentido as relações de experiência auxiliam na formação da criança, visto que se o animal a machucar, ela o perceberá como não favorável à sua corporeidade, no entanto, se ele não a fizer mal, laços de afetividade tendem a desenvolver-se, na infância a criança tem um instinto singular em querer desbravar seu meio, ela buscará se relacionar com tudo o que lhe for submetido, seja em ambientes abertos como parques, campos, terrenos, entre outros, ou em ambientes fechados, sua casa, escola, apartamento. No entanto, a criança não possui autonomia para distinguir o que é bom ou não à sua corporeidade, portando-se como um receptáculo dos estímulos mediados por um adulto.

Desta forma ressalta-se a importância do adulto na vida de uma criança, não só em relação aos fatores biológicos, mas principalmente no que tange a intervenção moral que um adulto exerce sobre a criança ao relacionar-se com ela. Destacamos a necessidade de estímulos que favoreçam o contato da criança com a natureza, mesmo que esteja encurralado em uma selva de pedras. Não precisamos ir longe para ter um contato com a natureza, uma árvore é natureza, é importante levar a criança a parques, áreas verdes, promover piqueniques ao ar livre com alimentos saudáveis, dentre outras possibilidades. “A criança na natureza hoje significa um adulto responsável, produtivo e

criativo no futuro. Um adulto que pensa mais nas conexões e preocupa-se com o todo” (VILELLA *apud* LOUV, 2016, p.15).

Incentivar uma criança a ter contato com a natureza fora dela, significa potencializar tal relação, auxiliando na construção de valores e empatia pela natureza e tudo que ela oferece, provocando no indivíduo consciência de quão importante é preservar e cuidar desta.

Louv (2016) em seu livro “A última criança na natureza” contextualiza a realidade do contato das crianças americanas com a natureza, bem como o contexto de vida e cultura. As ideias e preocupações apresentadas por Louv, sobre o contato e cuidado com natureza em diferentes fases da vida, em especial na infância, traduzidas para diversos idiomas, se enquadram em uma realidade global. Considerando a importância do contato da criança com a natureza e todos os benefícios que permeiam essa relação nessa fase importante de desenvolvimento intelectual, corporal e cognitivo, o referido autor apresenta o termo “transtorno do déficit de natureza”, ou seja, os prejuízos que esta nova geração vem sofrendo por adquirir hábitos de vida que os distanciam da natureza, criando barreiras para que um convívio íntimo, puro e afetivo seja estabelecido, entre criança e natureza (LOUV, 2016).

Com base nos estudos desenvolvidos por Merleau-Ponty e Richard Louv, é notória a importância do contato da criança com a natureza fora delas, considerando não apenas o benéfico para um ou para outro, mas sim para ambos, pois um faz parte do outro. A criança que se relaciona com a natureza, a percebe e a vivencia, desde a infância, irá desenvolver a sua corporeidade, intelecto e afetividade. O estabelecimento destes laços faz-se essencial para o desenvolvimento físico, intelectual e emocional. Estudos apontam ainda que “a exposição a natureza pode reduzir os sintomas de TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividades), e melhorar as habilidades cognitivas e a resistência das crianças ao estresse e a depressão” (LOUV, 2016, p.57).

Esta relação próxima entre corpo/natureza atua como ferramenta na construção ética do sujeito, promovendo efeitos diretos nas ações morais que são desenvolvidas em sociedade. Desta forma é possível afirmar que a união corpo/natureza,

desenvolvida de forma ampla e integral desde a primeira infância tende a manter-se até o fim da vida do indivíduo, em razão dos laços consistentes que nutrem este movimento.

## 2. PERCEPÇÃO, EXPERIÊNCIA E IMAGINAÇÃO NA INFÂNCIA



Neste capítulo discutiremos a percepção, experiência e imaginação na infância, buscando compreender a essência desse contato da criança com o mundo, principalmente com o mundo/natureza, “[...] e o sujeito que percebe está diante do mundo como o cientista diante de suas experiências” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.50).

Dividido em quatro subitens, o presente capítulo buscou subsídios na redução fenomenológica que nos remete às experiências e ao mundo original, trazendo a realidade de fato para a pesquisa.

A criança é ser imaginante, “[...] para Merleau-Ponty (2001; 2006) uma das grandes dificuldades em se discutir acerca da criança na infância, deve-se ao fato de que a observamos do ponto de vista do adulto. Assim, nunca conseguiremos apreender totalmente este fenômeno tal qual ele ocorre” (TELLES, 2014, p.9). Além disso, Lowenthal (1961), diz que a experiência e a imaginação são fundamentais na construção das concepções geográficas, construindo a história e a memória do ser.

A memória e a História são processos de introspecção, cada um envolvendo componentes do outro e com limites obscuros. Apesar disso, são normais e justificadamente distintas: a memória é inescapável e matéria-prima indubitável; a História é contingente e empiricamente testável. Diversamente da memória e da História, as relíquias não são processos, mas seus resíduos. As relíquias feitas pelo homem são chamadas de artefatos; as naturais não possuem um nome próprio. Ambas atentam o passado biologicamente através do envelhecimento e desbotamento, e historicamente através de formas e estruturas anacrônicas (LOWENTHAL, 1985, p.187).

A relação entre “Geografia, experiência e imaginação” dividem-se em duas categorias, a primeira voltada a observação pessoal, relativa ao contato direto do sujeito com o meio, bem como as experiências promovidas por este contato; enquanto

que na segunda categoria, constam as informações indiretas ou secundárias, produzidas por meio de instrumentos didáticos (aulas, livros, mapas e figuras), bem como as visões imaginárias. Contudo cabe ressaltar que o aproveitamento das relações com a natureza por meio destas categorias são variáveis, apresentando impacto distinto na vida da criança (LOWENTHAL, 1961).

Assim como ocorre com nossas recordações da infância Merleau-Ponty (2011) afirma que “perceber é recordar-se”. A noção de tempo e percepção espacial são diferenciadas se compararmos a visão de um infante a de um adulto. A memória dos espaços que frequentamos na infância, principalmente de lugares que foram importantes para nós, provoca-nos uma sensação diferenciada em relação às dimensões espaciais reais. A exemplo do enorme quintal da casa do meu avô, com árvores, hortas, cercas e flores, onde passei parte da minha infância. Atualmente ao observar esse mesmo espaço, um espaço relativamente pequeno, é interessante notar como a minha percepção e imaginação infantil tornavam aquele lugar amplo em minha consciência.

É importante pensar na percepção da criança, bem como a sua noção de mundo e a qualidade de sua imaginação, estas que por sua vez respondem a estímulos e experiências vivenciadas em seu cotidiano, “vê-se que o fenômeno da infância se caracteriza atrelado às questões da cultura e da liberdade da criança, entendida como alguém que trava relações com o mundo da forma como lhe é possível”, no espaço que lhe é possível e nas experiências e percepções que lhe são permitidas, ou então pré-estabelecidas (TELLES, 2014, p.4).

A percepção é o nosso primeiro contato com as coisas e também com os outros, ela é única e exclusiva de cada indivíduo, desta forma, duas pessoas não veem a mesma realidade, por outro lado “todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares” (TUAN, 2012, p. 21).

O que nos diferencia um dos outros é a qualidade de nossas experiências, elas que nos indicam caminhos para a percepção e imaginação, de modo que cada

indivíduo desde a infância comece a construir sua identidade através de suas percepções, experiências e sensibilidade, posicionando-se como ser social.

A nossa existência e essência constituem nosso ser, em uma via de mão dupla, onde somos também parte por meio do nosso corpo. Nossa existência só é possível através do corpo, no qual nossa essência é condicionada aos nossos pensamentos, sentimentos e sensibilidade, algo que está presente em nós. Ela faz parte de nós e nos acompanha desde a nossa primeira respiração até o último suspiro.

Tuan (2012) abre seu livro *Topofilia* com algumas indagações que nos levam a uma reflexão sobre nossa existência na Natureza e de nós enquanto natureza, bem como nossas ações no mundo. Apresentando-nos os seguintes questionamentos:

Quais são nossas visões de meio ambiente físico, natural e humanizado? Como o percebemos, estruturamos e avaliamos? Quais foram, e quais são, os nossos ideais ambientais? Como a economia, o estilo de vida e o próprio ambiente físico afetam as atitudes e valores ambientais? Quais são os laços entre meio ambiente e visão de mundo? (TUAN, 2012, p.15).

Tais questões reforçam nossos laços com o ambiente em que vivemos e como nos posicionamos nele, pois as respostas dessas questões são imprescindíveis para a manutenção de nossas vidas, seja em relação à estesiologia, seja em relação à corporeidade, visto que ambas devem atuar em sintonia para a manutenção do bem estar.

O nosso corpo, nos permite sentir e, nossos sentidos nos permitem aprimorar a percepção de mundo. Nossa percepção de mundo nos permite imaginar e a cada imaginação, uma nova experiência é vivida. A Fenomenologia convida a estudar o mundo e as relações sociais através da percepção, imaginação e experiência, "corriente filosófica que plantea «ir a las cosas como ellas son», propone una disolución progresiva de todo tipo de polaridades, para pasar a mirar el mundo como horizonte, en grados, como experiencia de la conciencia que es conciencia de algo" (ECHEVERRI, 2004, p. 39).

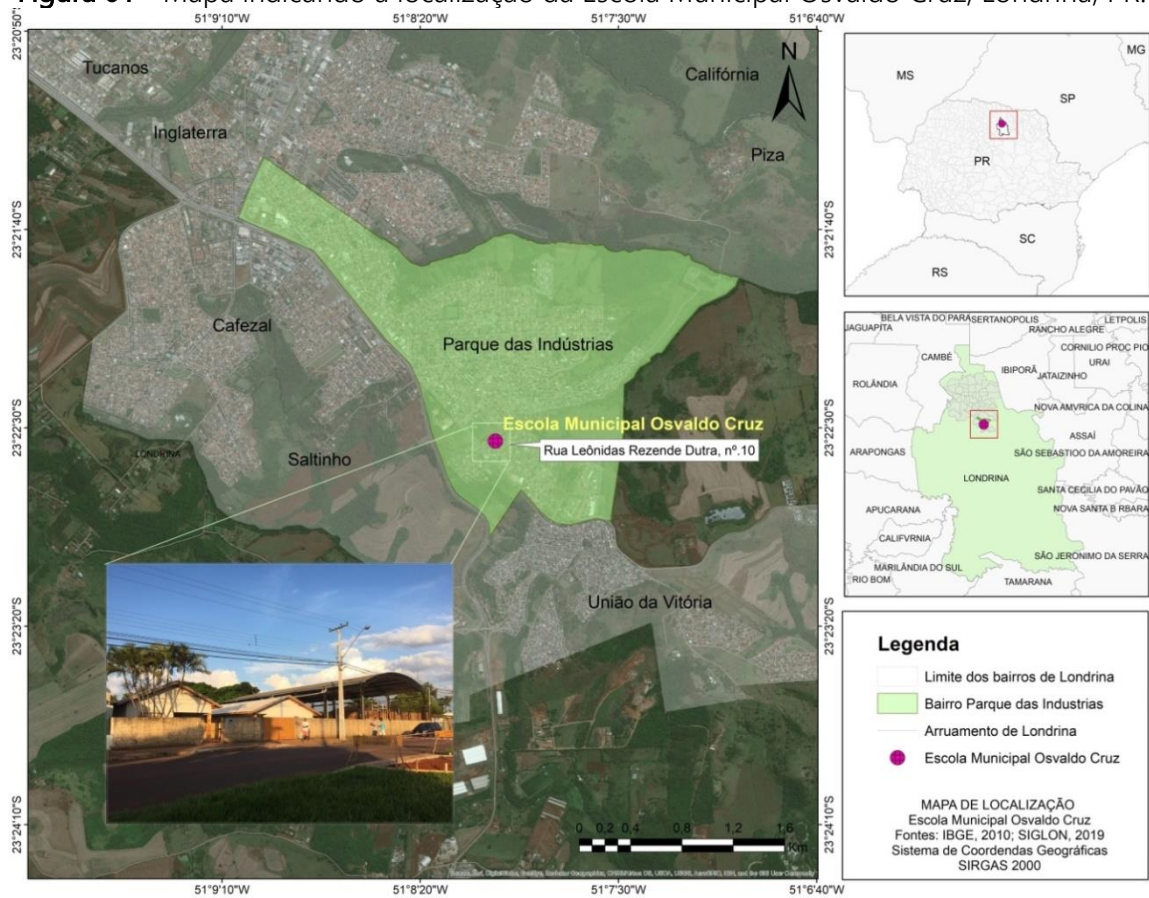
Como defendem os pressupostos da Fenomenologia, "o homem não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação", sendo assim o homem vivencia e percebe o mundo, utilizando-se de todo o seu ser (REZENDE, 1990, p. 49). "Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 13,14).

Com base nesses apontamentos buscamos as percepções e experiências, diretas e indiretas, mergulhando no imaginário infantil, pautando-nos no método fenomenológico, propomos analisar as vivências intencionais, para então perceber como apresentam-se os fenômenos em sua essência.

## **2.1 ESCOLA: O 'LUGAR' DA EXPERIÊNCIA**

O local de encontro diário com as crianças foi a Escola Municipal Osvaldo Cruz, localizada na Rua Leônidas Rezende Dutra, 10, no Jardim Santa Joana, em Londrina - PR, onde atuei como professora do 3º ano C, no ano de 2018.

**Figura 01** - Mapa indicando a localização da Escola Municipal Osvaldo Cruz, Londrina, PR.



**Fonte:** IBGE, 2010; SIGLON, 2019. Sistema de Coordenadas Geográficas – SIRGAS, 2000.

**Figura 02** – Faixada da Escola Municipal Osvaldo Cruz.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2019)

A estrutura da escola, onde aconteceram as investigações e intervenções deste estudo, faz referência as escolas do campo, portando há um pequeno pavilhão de madeira conservado, resistente aos longos anos de funcionamento escolar (Figura 03). Embora a construção seja antiga, a madeira de peroba mantém aspecto conservado nas seis salas e uma cantina, com o chão em assoalho e teto em madeirite, recentemente reformado.

**Figura 03** – Pavilhão antigo

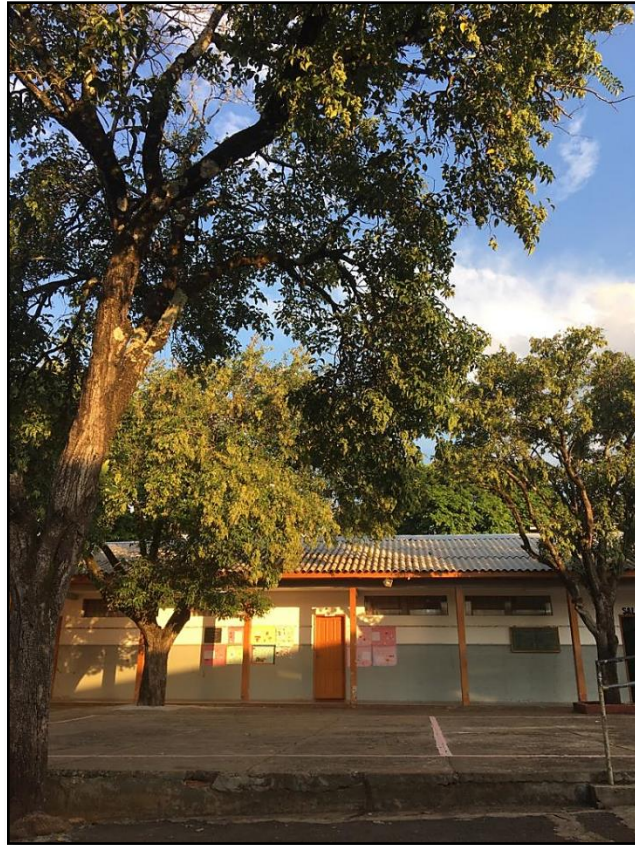


**Fonte:** Arquivo Pessoal (2019)

O pátio em cimento desnivelado, com pedregulhos soltos, proporciona momentos preciosos para as crianças – a hora do recreio - é ali que elas brincam, correm para lá e cá, rabiscam o chão com o giz, entre outras atividades livres. A imaginação ganha vida e permite a realização das mais variadas brincadeiras de crianças, elas caem, levantam-se, caem novamente e vez ou outra aparecem com os joelhos ralados na sala dos professores. Esse é um dos espaços que permite as crianças vivenciarem diversas experiências e relações sociais, criando situações e sensações que muitas desconhecem e que potencialmente custariam a conhecer, não fosse este local. O pátio é composto ainda por algumas árvores que contribuem com a sua beleza e

ofertam sombra, das quais as raízes desnivelam o solo, crescendo sobre o cimento ao redor, as folhas caem diariamente, dando trabalho as funcionárias da limpeza. Contudo, é este cenário simples, dotado de poucos elementos naturais que muitas das crianças têm a oportunidade de relacionar-se com a natureza (Figuras 03 e 04).

**Figura 04** - Pátio da escola.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2019)

Outro espaço ilhado no meio da escola, este já em alvenaria, é reservado para a recepção dos pais e visitantes, diretoria e secretaria, sala dos professores e biblioteca. Sua estrutura faz menção ao avanço dos meios de produção e as melhorias na construção civil alcançadas pela sociedade no último século (Figura 05). No entanto, para os estudantes pode ser visto como um obstáculo, esconderijo, fortaleza durante “as batalhas”, ou como um local de repreensão para os mais peraltas.

**Figura 05** - Recepção, sala dos professores, biblioteca.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2019)

Ademais, a escola dispõe de outro pavilhão construído mais recentemente em alvenaria, com sete salas de aula e uma sala para guardar os materiais e jogos utilizados nas aulas de Educação Física e banheiros para os alunos. Com um longo corredor e uma fileira de pilares, onde as crianças correm e brincam nas horas livres (Figura 06).

**Figura 06** - Pavilhão em alvenaria.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2019)

A entrada e saída dos estudantes ocorre por um portão localizado na parte de trás da escola, que culmina em uma rua sem saída, mais calma e segura para os pais que ali os esperam ao final da aula. A simplicidade dos vasos que decoram as paredes dos muros que permeiam o portão, trazem beleza e um contato ingênuo com a natureza perfumada de suas flores, a qual desperta a curiosidade de alguns proporcionando um ambiente hospitaleiro com vestígios de natureza (Figura 07).

Há também uma pequena horta e jardim, os quais foram reestruturados no final do ano de 2018, por professores e colaboradores, para que a escola pudesse apresentar um ambiente mais colorido e acolhedor aos seus pais, com mudas de flores distribuídas em alguns locais na escola, como na entrada da recepção para pais, professores e visitantes e nos muros que dão acesso a saída dos estudantes (Figura 08).

**Figura 07** - Portão de entrada e saída dos alunos.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2019).

A horta oportuniza aos estudantes um contato direto com a natureza, o trabalhar na terra, o plantar, o colher conduz a criança a experiências ímpares, que auxiliam na construção do seu "ser natural". Ao plantar a criança apreende que o germinar e o desenvolver da planta, necessitam de tempo, cuidado, água e nutrientes, assim como uma gestação, fazendo com que o indivíduo vislumbre-se também como natureza.

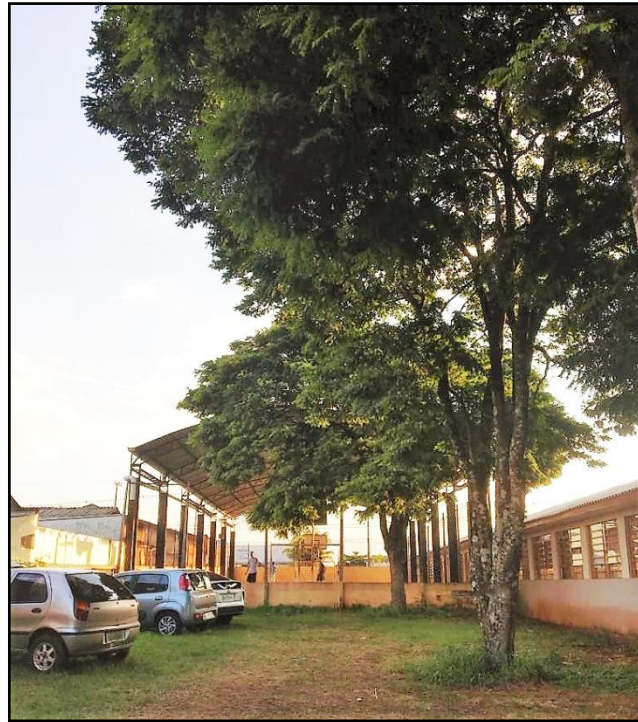
**Figura 08** - Horta com canteiros e mudas.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2019)

A escola dispõe de uma quadra pequena semicoberta (Figura 9), que dá espaço as aulas de Educação Física e alguns eventos promovidos no decorrer do ano, assim como apresentações em datas comemorativas e formaturas. Conquanto, por possuir muros baixos, estudantes e egressos que moram nas proximidades, muitas vezes adentram a escola após o horário das aulas, desfrutando da quadra para atividades esportivas, principalmente jogos de futebol. Sendo de forma indireta um local de convivência e recreação do bairro.

**Figura 09** - Estacionamento e quadra.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2019).

A escola preserva o pouco que dispõe de natureza, como um espaço atrás das salas e próximo a quadra, o qual é usado como estacionamento para professores, este local é composto por um gramado e árvores antigas, com copas altas e troncos espessos.

Cabe destacar que por ser uma escola localizada em um bairro afastado do centro da cidade, mantém uma simplicidade e conserva o pouco que lhe sobrou de natureza no espaço que dispõe.

Em dias chuvosos a instituição não desfruta de ligações cobertas, entre um pavilhão e outro, questão já posta para reparos, após tanto tempo de correria, guarda-chuva e sapatos molhados, por esta razão vem recebendo reformas gradativas. Em virtude da idade, sendo uma das escolas mais antigas do município de Londrina, suas instalações necessitam de manutenção e melhorias, tanto na estrutura física, condição do prédio, quanto no que se refere a disponibilização de materiais para estudantes e professores, desta forma há muito a ser melhorado nos próximos anos pelas gestões do município.

É nesse ambiente, de escassa presença de elementos da natureza, onde o mundo natural tem apenas uma função decorativa que as crianças passam boa parte de seu dia. A natureza/Natureza é mediada por conteúdos pedagógicos, cujos objetivos visam a construção de conceitos abstratos, a partir do intelecto, ou seja, a criança aprende sobre a natureza por meio da racionalização, não tendo um conhecimento empírico mediado pelo contato direto com o mundo natural, vivenciado por meio da relação com os componentes bióticos (animais e plantas) e abióticos (sol, chuva, ar, terra) que compõe a biosfera. A partir da realidade escolar apresentada, em que o ambiente de referência da criança é a sala de aula, onde esta fica limitada à carteira escolar e às quatro paredes.

Neste cenário, buscamos analisar a relação criança/Natureza, através de ações inovadoras que oportunizassem as crianças vivenciarem diferentes experiências. Portanto, esta pesquisa desdobra-se como uma possibilidade investigativa ao passo que realiza experimentações nesse espaço-tempo escolar, onde almeja-se dar liberdade a imaginação das crianças, participantes desta pesquisa e protagonistas de aprendizagens conectadas com a vida.

Com base na proposta curricular dos conteúdos de 3º ano, integrados a matéria de Geografia, dentre outros conteúdos e eixos, aparece o eixo: *Transformando a Natureza: as relações da sociedade com a natureza*, e alguns outros temas a serem trabalhados interdisciplinarmente no decorrer dos bimestres, conforme apresentado no quadro com o eixo e os conteúdos propostos.

**Quadro 1:** Eixo do conhecimento – Transformando a natureza e conteúdos programáticos relacionados.

Eixo: TRANSFORMANDO A NATUREZA	AS RELAÇÕES DA SOCIEDADE COM A NATUREZA	1º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O lazer e as relações com a natureza;</li> </ul>
		2º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cuidados com o ambiente (bairro);</li> <li>• Formas de poluição no bairro (ar, água, solo);</li> <li>• Formas de preservação, conservação e recuperação ambiental;</li> <li>• Atitudes conservacionistas;</li> <li>• O lazer e as relações com a natureza;</li> </ul>
		3º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As necessidades sociais impulsionam as transformações nas paisagens;</li> <li>• A natureza transformada para a produção de bens;</li> </ul>
		4º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A configuração do espaço como consequência do relacionamento dos diversos grupos sociais com a natureza;</li> </ul>

**Fonte:** Projeto Político Pedagógico da Prefeitura de Londrina – 2018.

Embasando-se nessa proposta curricular integrada aos objetivos da presente pesquisa, na qual as crianças-estudantes foram consideradas colaboradoras, a metodologia utilizada buscou consolidar esses temas e integrá-los aos exercícios pedagógicos, com vistas a desenvolver um olhar sensível, intuitivo e ao mesmo tempo, investigativo na observação e interação da criança com a paisagem, considerando a criança e a natureza como partes integrantes desta.

## 2.2 PAISAGEM E EXPERIÊNCIA: PERCORRENDO POR CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste item apresentaremos os encaminhamentos metodológicos utilizados na construção da pesquisa, com o objetivo de compreender como as crianças relacionam-se, brincam e percebem a natureza a partir da experiência na paisagem.

Do ponto de vista teórico-metodológico, faz-se importante apresentar algumas reflexões acerca da paisagem como essência geográfica, na perspectiva da Geografia Humanista, considerada como fenômeno vivido, ou como experiência.

Há, na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta, como uma expectativa ou uma lembrança. Toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento (DARDEL, 2015, p.33).

Neste sentido, os exercícios pedagógicos voltaram-se para uma paisagem já estabelecida no imaginário infantil, retratada através dos desenhos, no entanto fomos também ao encontro de uma nova paisagem a ser experienciada e registrada em suas memórias.

A paisagem apresenta-se verticalmente e horizontalmente, de dentro para fora e de fora para dentro, e conforme aponta Dardel, (2015) é “compreendida como o que está em torno do homem”, mostrando-se viva e muito presente no imaginário infantil, sendo de grande importância para a evolução dessa pesquisa e uma fonte de dados reais, carregada de essência, experiência e imaginação.

A paisagem e a experiência caminham juntas, trazendo uma o significado para a outra, ou seja, através das minhas experiências e do meu corpo, vivo e posso modificar a paisagem, sendo esta abordagem que trará e dará significado a aquela paisagem para mim. “Assim cada paisagem tem seu próprio conjunto e contem significados específicos para nós”, tais experiências, sejam elas boas ou ruins produziram efeitos para a vida e seus espaços/paisagens (CABRAL, 2000).

Aqui nossos olhos voltam-se para paisagens/natureza, dentre tantas paisagens que despertam sentimento de topofobia ou topofilia, em quem as experienciam.

Quando positivas e agradáveis são experiências topofílicas, mas quando são negativas, desagradáveis ou repulsivas, são experiências topofóbicas. Topofilia e topofobia estão associadas com o caráter do ambiente e com os valores e atitudes daqueles que o experienciam” (DARDEL, *apud* CABRAL, 2000, p. 41).

Nesse sentido é importante para a criança que na infância sejam despertados sentimentos topofílicos em relação a natureza, para que estes espaços e paisagens naturais proporcionem-lhes momentos agradáveis e fraternos. Portanto, é importante para a criança sentir-se livre e ao mesmo tempo acolhida pela natureza, para que sentindo-se inserida nesses espaços instaure-se a alegria e a satisfação, usufruindo de forma saudável e prazerosa, descobrindo o que um ambiente natural tem a oferecer.

Em contrapartida a esses pressupostos, atualmente uma inversão a esses valores tem ganhado espaço, na qual a criança não tem mais interesse em brincar ao ar livre, dando preferência a estar diante da televisão, do computador, celular, tablet, entre outros instrumentos tecnológicos, como se a natureza fosse algo obsoleto, que não desperta mais interesse nelas, no entanto, é importante destacar que "diferente da televisão, o contato com a natureza não rouba o tempo da criança, mas amplia" (LOUV, 2018, p.15).

Nesta pesquisa, o conceito de paisagem deve ser considerado ao abordar a inserção do sujeito, sem separá-lo do objeto, sujeito/cidade, sujeito/natureza, pois estamos inseridos nesse todo, compomos e fazemos parte dessa construção da paisagem, tanto como nossos sentimentos de topofilia ou topofobia.

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original (DARDEL, 2015, p.31)

A geograficidade desta pesquisa encontra-se nas relações da criança com a natureza, esta que pode ser apresentada em uma paisagem natural ou modificada, que trará sentimentos, experiências e sensações para aqueles que a vivem ou a observam. Segundo Holzer (1992), pode incluir "bons ou maus encontros" em um processo de construção de ambos, pois uma vez que a criança passa por uma paisagem nem a criança e nem a paisagem serão a mesma, a criança se tornará parte da paisagem e a paisagem trará um significado para criança.

Sobretudo, pelo que vimos até então, paisagem é uma fonte incessante de significação e uma vez acessível ao olhar e à mente torna-se guia para as ações e condutas; não se trata de um horizonte fixo e estático, mas construído de movimento, valores e sentimentos. Ao incluir aquilo que tem significância para os diferentes sujeitos, a paisagem deixa de ser plano de fundo das atividades e acontecimentos e integra-se à existência humana (CABRAL, 2000, p. 42).

Nesta conjuntura, buscamos encontrar a natureza presente no imaginário das crianças, refletidas em desenhos de paisagens registradas em sua memória, através das experiências vividas e em seguida, fomos ao encontro de uma paisagem à disposição do corpo, onde elas encontram-se, tornando parte de uma paisagem, neste caso o Jardim Botânico, cartão postal de Londrina.

As atividades aconteceram em tempos e espaços diferenciados, pautados no método fenomenológico que busca a essência do mundo, mas não “[...] aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.13).

A primeira atividade aconteceu no espaço da sala de aula, em torno de uma oficina imaginativa de desenhos sobre a Natureza/natureza conforme a percepção criativa do olhar infantil de cada investigado. A professora com seu raciocínio investigativo e pedagógico, levantou a seguinte pergunta fenomenológica, em sala de aula: “O que é isso - a natureza?” Assim, com suas páginas em branco, as crianças aceitaram o desafio de desenhar a natureza livremente, sem pré-conceitos determinados que pudessem interferir em sua atitude natural de imaginar e personificar o imaginado por meio de seus desenhos.

Em um segundo momento, propomos outra metodologia em torno de uma roda de conversa, com o objetivo de dar voz as crianças sobre o brincar em diferentes contextos. Durante a roda, cada uma pôde falar um pouco das suas brincadeiras preferidas, a professora utilizou um gravador no celular para captar seus relatos, no final, foi feita uma breve reflexão sobre as brincadeiras.

A terceira metodologia pautou-se em uma aula-passeio no Jardim Botânico de Londrina. Em comemoração ao dia das crianças as professoras organizam um passeio e

podem escolher um destino para levar seus estudantes, nesse caso para o 3º ano C, foi escolhido um passeio no Jardim Botânico de Londrina, realizado no dia 30/10/2018. A proposta foi feita aos estudantes e os mesmos gostaram da ideia, em seguida foi mandado bilhete aos pais com as devidas autorizações para que os mesmos pudessem ser retirados da escola, acompanhados pela professora regente, além de duas professoras para apoio. Tomadas as primeiras providências, a equipe de trabalho com a participação das crianças, passou a se preparar para o dia do passeio num ambiente repleto de natureza, para que as crianças pudessem “brincar ao ar livre vivendo e sendo natureza” (TIRIBA, 2018, p. 24).

### 2.3 OS DESENHOS E O IMAGINÁRIO NA INFÂNCIA

O primeiro exercício pedagógico foi realizado em um único momento e dividido em duas sequências, na primeira, notamos que as crianças não incluíram-se em seus desenhos, entretanto na segunda sequência, a criança aparece em sua paisagem desenhada.

*A professora pergunta:*

*- Que é isso, a natureza?*

As crianças desenharam:

É interessante observar a extensão do imaginário infantil diante de uma folha em branco ao realizar um desenho livre sobre um tema tão amplo como a natureza. Tal vastidão resultou em diferentes paisagens, com faunas e floras ilustradas com riqueza de diversidade e cor, sugerindo diversos ecossistemas.

A singularidade da ilustração do imaginário das crianças “salta nos os olhos”, as cores vivas e o céu azul de nuvens brancas, compõe a paisagem de um campo florido, no qual as borboletas voam vistosas sob a luz de um sol resplandecente (Figura 10).

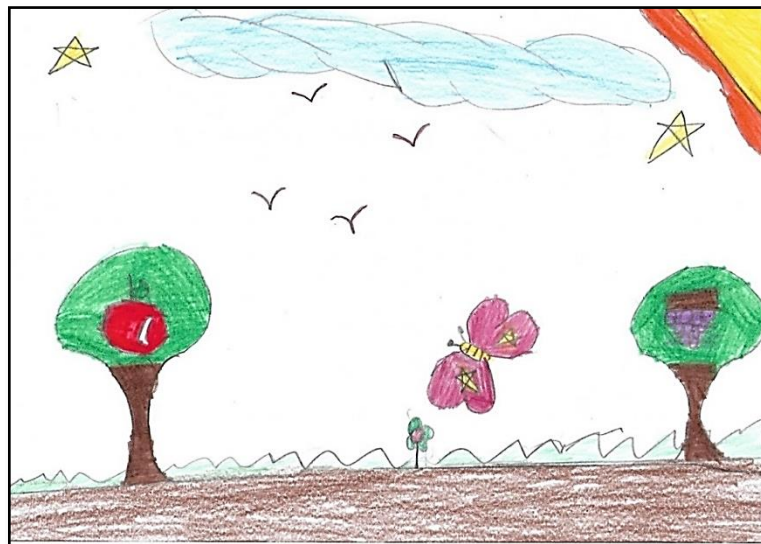
**Figura 10:** Nuvens de algodão.



**Fonte:** Ana Beatriz (9 anos), 2018.

Nesta imagem (Figura 11), o que chama atenção é a presença de estrelas ao raiar do dia representado pelo sol, por nuvens azuis e a claridade do céu, onde a noite e o dia se misturam na intenção de colorir e embelezar sua criação artística.

**Figura 11:** Noite e dia.

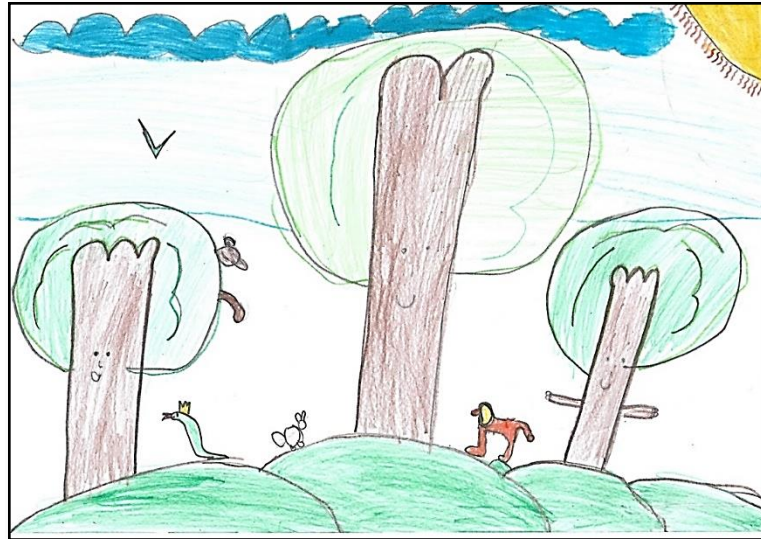


**Fonte:** Pedro (9 anos), 2018.

Na figura 12, destacamos árvores com troncos longos e grossos, as quais fazem referência aos baobás, uma árvore típica de Madagascar. É interessante pensar que a criança conhece ou já viu essa espécie de árvore, que não é nada comum a nossa

realidade, mas que por algum motivo apresenta-se viva em sua imaginação e ilustração.

**Figura 12:** Baobás.

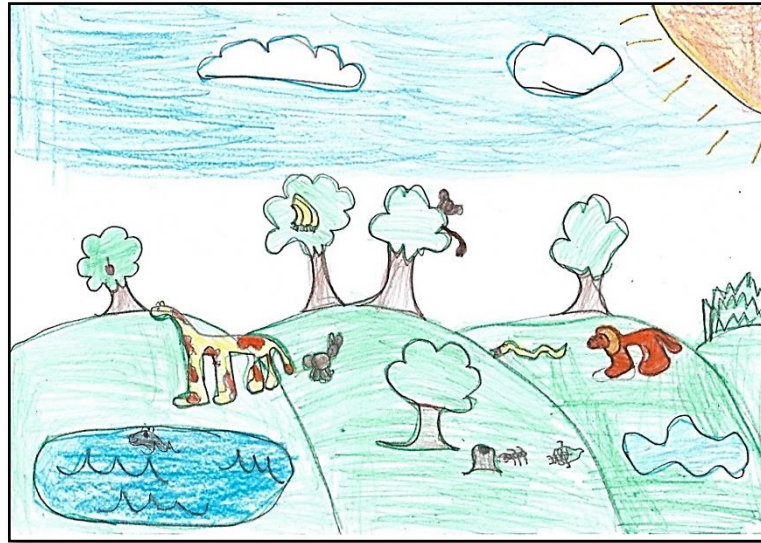


**Fonte:** Dafni (9 anos), 2018.

Na figura 13, podemos destacar a riqueza de detalhes que a criança traz para a ilustração, o sol multicolorido, as árvores com frutos como a maçã e a banana, e também os animais despostos em todo o ambiente, em uma natureza livre e exótica, com girafa, coelho, formigas a caminho do seu formigueiro, um animal aquático não identificado, uma cobra muito perigosa solta no meio da bicharada, um macaquinho em cima da árvore, provavelmente pronto para atacar um cacho de banana. Além de toda a criatividade demonstrada pela criança ao ilustrar a sua representação de natureza, podemos ainda pensar em sua vivência cotidiana estimulada seja por passeio em zoológicos, ou até mesmo algo que assistiu na TV, que lhe trouxe a memória uma natureza rica e cheia de detalhes.

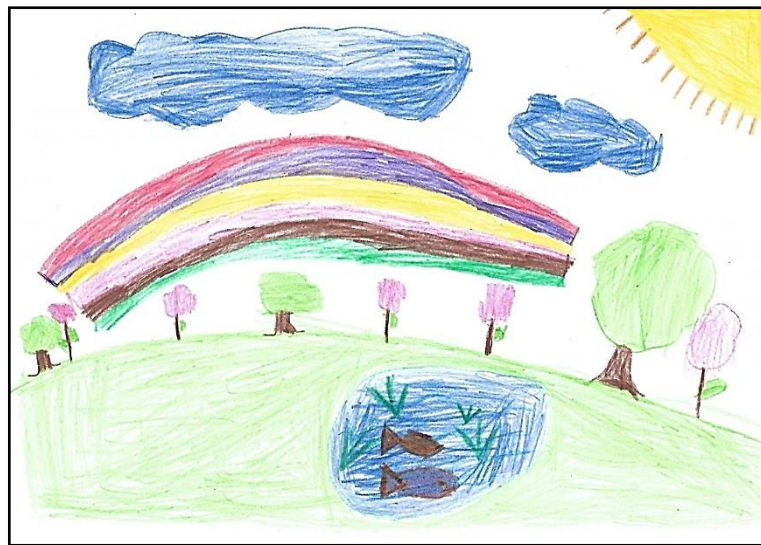
Na figura 14, o que nos chama a atenção é um fenômeno muito singular registrado pela criança, o arco íris, que aparece no céu em dias que se misturam chuva e sol, colorindo o dia em um arco de cores que encanta a todos que o observam, provavelmente a criança já vivenciou um momento de olhar para o céu em um dia incerto de chuva e sol e se deparou com esse fenômeno radiante e colorido, uma obra prima da natureza que nos presenteia com a sua beleza.

**Figura 13:** Natureza criativa.



**Fonte:** Gustavo (9 anos), 2018.

**Figura 14:** Arco-íris.



**Fonte:** Samuel (9 anos), 2018.

Nesta primeira sequência de imagens podemos observar a riqueza de fatores naturais que aparecem nos desenhos, uma natureza representada principalmente por árvores, presentes em todas as ilustrações, ademais observamos também flores, animais no chão e nas árvores, lagos com peixes, o sol e nuvens e há a presença de um arco-íris em um dos desenhos, frutas como banana, maçã e uva, borboletas e pássaros.

Fica nítido que para a criança a natureza é rica e apresenta uma variedade de cores, o imaginário da criança retrata uma natureza livre de prédios, asfalto, carros, e outros elementos que configuram a cidade, por outro lado a presença das árvores se mostra de forma efetiva, quando falamos em natureza, o verde das árvores, as cores das flores, o azul do céu e dos rios, tomam conta do imaginário infantil.

Esta é a natureza/Natureza perfeita, fora de nós, a natureza tal como ela se apresenta e que deveria ser experienciada, vivida e valorizada, no entanto, caso aparecessem nessas imagens fatores acinzentados, não poderíamos julgá-los como não natureza e sim como uma natureza transformada pelo homem que a compõem, como um reflexo de suas ações e anseios.

Quando pensamos na natureza, frequentemente imaginamos a chuva, embora ela não tenha aparecido nas ilustrações, o percurso percorrido por esta leva-nos a uma importante reflexão, visto que, ao cair na natureza a chuva soa como melodia e enfeita a paisagem, compondo-a em uma bela sincronia, trazendo vida, sons e cores, mas ao cair na cidade, ela vem como um sinal de alerta, e mesmo sendo necessária, pode causar destruição e prejuízo, no entanto, enquanto o homem da cidade teme a chuva, o homem no campo, clama por ela, a qual soa como sinônimo de fartura e prosperidade. Assim a natureza ganha voz e responde aos estímulos que recebe.

Partimos agora para a segunda sequência de imagens criadas pelas crianças, relacionadas ao mesmo exercício pedagógico, retratando a natureza que lhe foi apresentada, através de experiências vividas.

Nestas ilustrações percebemos a interação estreita entre indivíduo e natureza, com um homem pescando um enorme peixe, uma rede simples entre as árvores, a criança se preparando para divertir-se no balanço, também as flores coloridas enfeitando e trazendo vida ao ambiente, além de pássaros sobrevoando a paisagem e borboletas desfilando sua beleza (Figura 15).

**Figura 15:** Flores coloridas.



**Fonte:** Pietro (9 anos), 2018.

A cada ilustração, nos deparamos com criações diferentes que nos levam a fazer reflexões acerca da representação da natureza para a criança, como na figura 16 em que a menina se posiciona entre as árvores frutíferas, dentre estas se apresenta a maçã e a banana, e cabe a reflexão, se essa criança já chegou a ver algum pé de banana, visto que as bananeiras tem um formato diferente da árvore ilustrada, bem como os cachos de banana, no entanto, é admirável observar sua criação com uma riqueza de elementos. A diversidade de animais, como: pássaros, borboletas, peixes e tartarugas, sugere uma natureza preservada e em equilíbrio, na qual o ser humano apresenta-se como parte integrante e análoga, não exibindo superioridade.

**Figura 16:** Árvores frutíferas.



**Fonte:** Yasmin (9 anos), 2018.

Na figura 17, ao ilustrar a natureza a criança se insere entre as árvores, e o que nos chama a atenção é o capricho ao desenhar as árvores e seus troncos, representado por detalhes em espiral, por contornos bem delimitado e pelas cores vivas utilizadas, além de um céu cândido, com um sol brilhante e nuvens tímidas.

**Figura 17:** Menino natureza.



**Fonte:** Yuri (9 anos), 2018.

No entanto, em algumas ilustrações a criança documenta seu distanciamento da natureza, apresentando-se como uma mera observadora da paisagem, conforme ilustrado na Figura 18, quando a menina sobre uma pedra observa os peixes da

montanha, as aves do céu e as flores do campo. Além disso ao desenhar os peixes no chão a criança indica a baixa vivência que detém da natureza, não assimilando a necessidade desses animais por água (Figura 18). Ao posicionar-se distante da natureza a criança reflete sua experiência, assim como aqueles que ilustram-se inseridos nesta como parte ativa e homologa (Figura 17; Figura 18; Figura 19).

A inserção da criança na natureza desponta com clareza na Figura 19, quando rodeada por uma paisagem verde a criança brinca em perfeita harmonia com as árvores e animais. Um macaco serelepe aparece por entre os galhos de uma árvore, enquanto uma formiga caminha tranquilamente pelo campo, ressaltando a singularidade com que está percebe a natureza a sua volta.

**Figura 18:** Peixes no chão.



**Fonte:** Emanuely (9 anos), 2018.

**Figura 19:** A menina na natureza.



**Fonte:** Gabrielly (9 anos), 2018.

Na segunda sequência de imagens selecionadas, a natureza também foi representada por árvores, animais, sol, nuvens, pássaros, flores, rios, frutas, no entanto, destacamos a inserção de um novo elemento, o ser humano. Neste momento ao retratar a paisagem a criança passa a enxergar-se como parte dela, inserindo-se ou inserindo personagens humanos.

Ao introduzir o homem na natureza a criança expõem uma relação harmônica, na qual o ser humano não demonstra superioridade, portando-se como parte dela, assim como a chuva, vem para dar vida, sons e cores e complementar essa natureza/Natureza que ele (criança/homem) também agrega a esta composição.

Não sabemos em qual momento histórico o homem, se auto afirmou como individuo superior a natureza, porém, todas as experiências vividas, nos levam a um caminho único, o de que homem e natureza são uma só coisa. A natureza existe sem o homem, assim como nas primeiras ilustrações, mas o homem não pode existir sem a natureza.

Nestas ilustrações registradas com fonte em um imaginário infantil, a criança não faz distinção e se insere no meio, assim como uma flor, um animal, ou uma árvore e a única sentença dada pela professora foi para que as crianças ilustrassem a natureza.

## 2.4 AS BRINCADEIRAS

A segunda metodologia utilizada junto as crianças foi uma roda de conversa, onde elas puderam falar do que gostavam de brincar, cada uma pôde falar um pouco das suas brincadeiras preferidas, momento em que passaram por uma “experiência de sua presença carnal na palavra”, como diria Merleau-Ponty (1989, p. 83).

*A professora pergunta:*

*- Quais são as suas brincadeiras preferidas?*

*As crianças respondem:*

“Eu gosto de brincar de robô, de bola, dinossauro, luta, piscina, pipa bicicleta, jogo da memória, slaime, desafio da garrafa e também gosto de brincar com meu cachorro”. (Pietro)

“Eu gosto de brincar com meu cachorro, de barbie, pular corda, esconde-esconde, eu gosto de brincar na piscina e também fazer slaime, eu gosto de jogar no x-box, andar de bicicleta e pular na cama elástica”. (Madeleine)

“Eu gosto de brincar de esconde-esconde, pega-pega, pular corda, bola, casinha, escolinha, mamãe e filhinha, comidinha, bicicleta, dança da cadeira e bola queimada”. (Isabelly)

“Eu gosto de andar de bicicleta na minha casa, de skate, gosto de brincar com meu cachorro, gosto de brincar no escorregador, pega-pega e carrinho”. (Calebe)

“Eu gosto de brincar de pega-pega, jogar bola, queimada, esconde-esconde, nadar na piscina, castelinho de areia, carrinho de rolimã, coelho sai da toca e dança da cadeira”. (Nathan)

“Eu gosto de brincar de esconde-esconde, cobra cega, pega-pega, brincar na piscina, ir na loja de brinquedos, brincar de morceguinho-morcegão, boneca, comidinha, dança da cadeira e slime”. (Yasmin)

“Cobra cega, boneca barbie, esconde-esconde, pega-pega, brincar na piscina, médico, escolinha, veterinária e brincar com a minha cachorra”. (Kamily)

“Cobra cega, pega-pega, pular corda, dominó, dança das cadeiras, quebra cabeça, zerinho, duro ou mole”. (Ana Beatriz)

“Bola queimada, esconde-esconde, alerta, dança das cadeiras, luta, cobra cega, batata quente, bicicleta, verdade ou desafio”. (Pedro)

“Roller, bambolê, bicicleta, pular corda, basquete, escolinha, jogo de celular, pega-pega, queimada, esconde-esconde” (Diego)

“Eu gosto de brincar de pega-pega, esconde-esconde, boneca barbie, cobra cega, escolinha, verdade ou desafio, estrelinha, escritório, mamãe e filhinha, e brincar na piscina”. (Dafni)

“Eu gosto de brincar de carros, carrinho de controle remoto, esconde-esconde, pega-pega, estatueta, e minha brincadeira preferida é bola queimada e também piscina”. (Gustavo)

“Pega-pega, cobra cega, esconde-esconde, piscina, boneca, xadrez, bola, carrinho, ver as nuvens, dança das cadeiras, bola queimada e slime”. (Sara)

Essas narrativas permitem compreender, em algum grau, a realidade cotidiana das crianças, seus ritmos próprios e interesses, revelando a qualidade das relações que mantêm com sua corporeidade por meio do brincar. Ao deparar-me com estes relatos ocorreu um sentimento de felicidade e certa nostalgia, pois muitas dessas brincadeiras fizeram parte da minha infância. “Quando falo ou quando compreendo, experimento a presença do outrem em mim ou de mim em outrem [...]” (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 83).

Por meio das narrativas as crianças mostram uma realidade com brincadeiras favoráveis ao desenvolvimento da corporeidade, pois ao relatar as brincadeiras preferidas, apenas uma aluna citou o x-box, (vídeo game), em meio a outras brincadeiras simples como pega-pega, bola queimada, esconde-esconde, entre outras. Vale ressaltar que essas crianças deste estudo, enquadram-se em um nível de renda de baixo poder aquisitivo, um padrão de vida simples, onde não há excessos mas também não há falta, no entanto algumas crianças possuem uma condição financeira precária, visto que algumas famílias moram em ocupações, e na maioria dos casos são beneficiários de programas do governo, os quais muitas vezes são a única fonte de renda da família, perfil socioeconômico justificado pela localização da escola. Ressaltamos que por esta razão a maioria não participa da inclusão digital, por não

dispor de aparelhos celulares, computadores, videogames, tablet, ou outros brinquedos modernos.

Além disso, todas as crianças moram em bairros afastados do centro da cidade, para tanto, nossa hipótese é que por esta razão as mesmas possuem mais liberdade para brincar nas ruas, ou juntar os amigos para brincar. Por outro lado, algumas brincadeiras citadas são realizadas na escola, como a dança das cadeiras, bola queimada, pega-pega, pular corda, cobra cega, isso demonstra a importância do profissional de Educação Física e os estímulos que ele pode oferecer a criança em suas aulas através de atividades lúdicas, bem como do professor regente que pode promover momentos de brincadeiras com os alunos em determinados momentos, incentivando a sua corporeidade e imaginação, visto que a liberdade favorece a imaginação criadora.

Na escola a criança está em contato com outras crianças e então as possibilidades de brincadeiras expandem frente às opções de brincadeiras que muitas têm em seus lares, onde muitas vezes são sozinhas e suas brincadeiras tendem a ser mais individualizadas.

Retomando o foco da pesquisa, que busca compreender a criança, seu corpo e natureza, destacamos que nos relatos os ambientes em que tais brincadeiras ocorrem não apareceram, no entanto em algumas falas é possível notar que as crianças gostam de brincar com seu animal de estimação, muitas relatam que gostam de brincar na piscina, um local favorável ao desenvolvimento da corporeidade em diversos âmbitos, pois ao estar imerso na água a densidade corporal é diferente e muitas brincadeiras podem surgir.

Ao narrarem suas brincadeiras preferidas as crianças expressam/revelam a extensão de sua realidade, onde algumas relatam brincadeiras que reproduzem aspectos do mundo da vida, como escolinha, mamãe e filhinha, veterinário, casinha, escritório, entre outras, do qual fazem parte. Por meio das brincadeiras podemos conhecer a realidade da criança e como ela se posiciona no mundo e o contato que ela tem com a natureza fora delas, expressando-se das mais diversas formas, tanto na fala,

nos gestos e olhares. Se quiser conhecer uma criança observe-a brincando, pois naquele momento ela está se posicionando no mundo em sua essência, corpo e ser.

## 2.5 AULA-PASSEIO NO JARDIM BOTÂNICO

As crianças atualmente vivem “emparedadas”, tanto na escola, em casa, em passeios e/ou em outros momentos, esta circunstância de “emparedamento” vem se tornando parte da vida da maioria, as quais em casa estão frequentemente emparedadas na sala assistindo TV, no quarto mexendo no computador e em jogos de celulares ou tablets, e na escola sentadas em suas carteiras, aprendendo o mundo de forma abstrata, e nos passeios está no carro, observando a paisagem através dos vidros, ou ignorando-a enquanto mexe em seus aparelhos eletrônicos, desfrutando do passeio de carro assistindo um bom filme ou desenho infantil, ou até mesmo vendo vídeos de youtubers, algo que está tão na moda no universo infantil.

Uma proposta interessante foi apresentada no livro organizado por Lea Tiriba (2018), onde buscou-se o desemparedamento da infância, o qual consiste basicamente em deixar a criança usufruir do mundo/natureza livre das paredes. Embasando-se nessa proposta de desemparedamento, propomos aos estudantes um passeio no Jardim Botânico de Londrina, como parte dessa pesquisa, onde pudessem desfrutar de momentos junto à natureza, explorando-a das mais diversas formas, transformando-se e desenvolvendo sua corporeidade.

Aula-passeio<sup>3</sup> no Jardim Botânico

- *O que é esse lugar, o Jardim Botânico?*

Com mais de 1 milhão de metros quadrados de mata nativa, nascentes e rios, o Jardim Botânico de Londrina é uma das mais importantes unidades de pesquisa e

---

<sup>3</sup> Aula-passeio foi um termo cunhado educador francês Cèlestin Freinet (1896-1966) em referência às experiências de aulas ao ar livre, afastando-se de aulas no modelo de conferências expositivas (FREINET, C. As técnicas Freinet da Escola Moderna. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973).

conservação de espécies nativas e exóticas no Paraná, é um espaço voltado à proteção e cultivo de espécies silvestres raras, ameaçadas de extinção, ou econômica e ecologicamente importantes para a restauração e reabilitação da fauna e flora paranaense<sup>4</sup>.

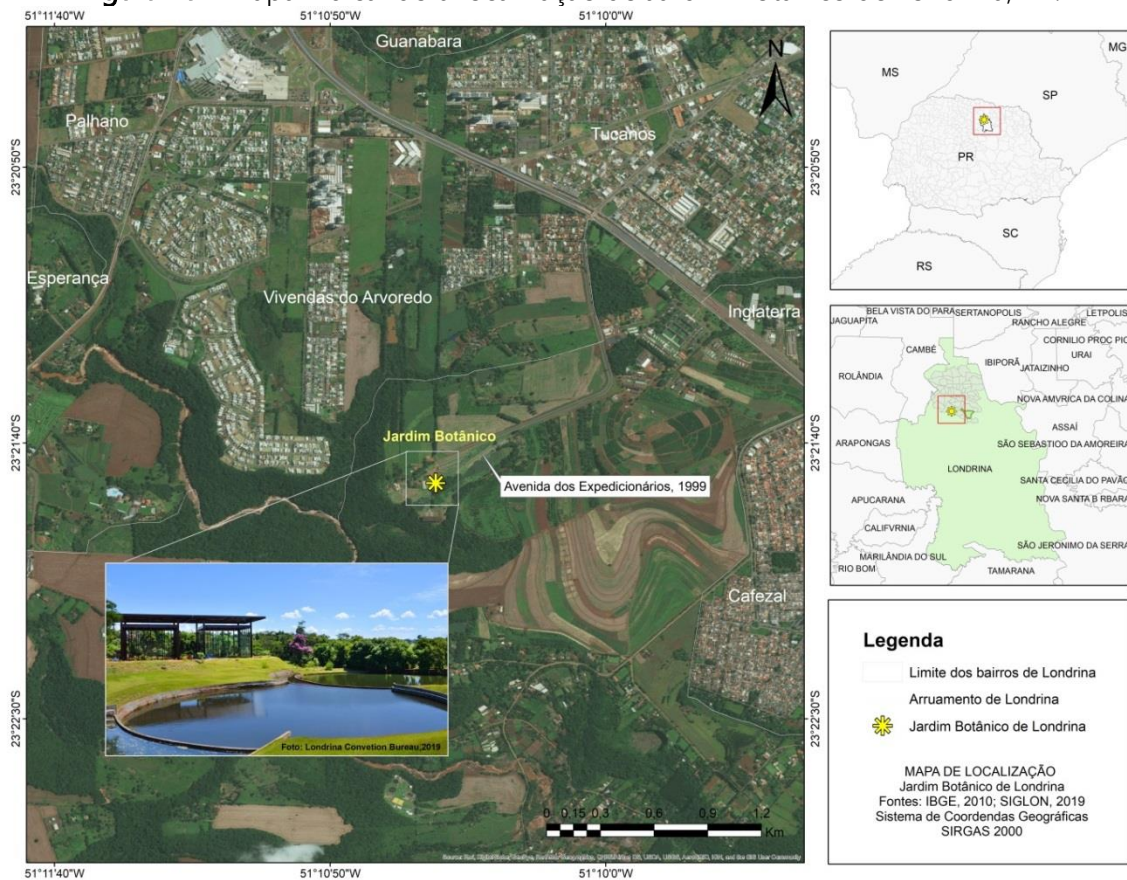
A seguir iremos discorrer sobre algumas imagens que nos exemplificaram como foi esse dia para as crianças. A curiosidade, o encantamento e o interesse por parte daquelas que tiveram a oportunidade de passar uma tarde em contato com a natureza serão apresentados de diferentes formas ao longo da sequência de figuras. Visto que, nesse espaço de interação com a fauna e flora, as crianças sentiram-se livres para brincar de forma pueril, desfrutando do momento das mais variadas formas.

[...] os elementos do mundo natural não significam sujeira, doença, perigo, mas se constituem como lugares da liberdade, da criatividade, da autonomia, da solidariedade; que a proximidade da terra, da água, da areia não é favor, não é uma concessão, mas condição para a existência saudável (TIRIBA, 2018. Prefácio).

---

<sup>4</sup> Essas características do Jardim Botânico foram coletadas no site, disponível em: <http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=137> Acesso em: 10 jan. 2019.

**Figura 20** - Mapa indicando a localização do Jardim Botânico de Londrina, PR.



**Fonte:** IBGE, 2010; SIGLON, 2019. Sistema de Coordenadas Geográficas – SIRGAS, 2000.

Na figura 21, nos deparamos com o início do passeio, quando a monitora realiza algumas explicações para as crianças a respeito dos cuidados e das características do trajeto que iriam percorrer, buscando elucidar através de explanações a importância de algumas árvores em conjunto com o seu habitat. Eis que a imaginação infantil floresce, e a curiosidade toma conta, as dúvidas emergem e surgem as perguntas, como ilustrado pelo braço estendido de um dos alunos. A busca em compreender o desconhecido predomina e muitos questionamentos são lançados á monitora, a qual responde todos de forma entusiasmada.

**Figura 21:** Curiosidade.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018)

Durante o percurso outros questionamos surgem, tal como sobre a disposição da vegetação, o sobrevoar das aves, eis que ao perceber um movimento rápido nas folhas das árvores, as alunas, se reúnem para procurar o que causou esse alvoroço e deparando-se com um lindo pássaro na copa das árvores, embelezando ainda mais suas folhas. O fascínio toma conta e permite que alguns minutos do passeio sejam dedicados simplesmente para a contemplação deste espetáculo da natureza (Figura 22).

**Figura 22:** Olhe para cima.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018)

Ao caminhar pelos espaços do Jardim Botânico, a turma se deparou com alguns troncos de árvore cortados dispersos pelo chão (Figura 23), e então o instinto de pequeno geógrafo logo floresceu e os mesmos começaram a escalar e aproveitar os pequenos bancos formados pelos troncos das árvores, logo em seguida aproveitamos a oportunidade e reunimos para um “click”, registrando assim uma bela imagem. Na qual, documentamos a interação das crianças com a natureza modificada em decorrência da intervenção humana.

**Figura 23:** Cadê a árvore que estava aqui?



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018)

Durante todo o passeio, algo que chamou muito a atenção de todos os alunos, foi o belo espelho d'água projetado no interior do Jardim Botânico, embelezando ainda mais aquele espaço. O grande lago permitiu também as crianças aproveitarem seus arredores e ver sua imagem refletiva na água, assim como alguns pássaros que por ali passavam e também aproveitavam para se refrescar (Figura 24).

Multiplas são as modalidades sob as quais a realidade geográfica conduz, através dos símbolos e de suas imagens, para além da matéria. A água, por exemplo, tem uma função idealizante, aquelado espelho que amplia, repete e enquadra. Nela o mundo se contempla e "tende a beleza" (BACHELARD, apud DARDEL, 2015, p.37).

O livre brincar na natureza, foi o ponto alto do nosso passeio, onde múltiplos momentos de alegria e diversão foram vivenciados pelas crianças, que se dispuseram a aproveitar de todos os espaços, como: as árvores, o gramado e o lago, desfrutando das mais variadas brincadeiras. A imaginação fluiu livre pela natureza, permitindo-os sentir integrados a esta por alguns instantes (Figura 25; Figura 26).

**Figura 24:** Espelho d'água.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018).

Reconhecemos o brincar livre como intrínseco à infância, como linguagem essencial por meio da qual a criança descobre e apreende o mundo. Na natureza, a criança brinca através da inteligência de seu corpo e está potente. Ao mesmo tempo, a natureza é ninho e refúgio para momentos de solitude e introspecção (TIRIBA, 2018, p.12)

**Figura 25:** O livre brincar na natureza.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018).

**Figura 26:** Natureza é lugar de brincar.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018).

No momento em que foi realizada a trilha, uma mensagem chamou a atenção de alguns alunos, e os mesmos no auge do processo de alfabetização dispuseram-se a lê-la, esta continha uma mensagem valiosa para todos, dizendo que: “Da Natureza nada se tira além de fotos, nada se deixa além de pegadas e nada se leva além de lembranças” (Figura 27).

**Figura 27:** Mensagem.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018).

Durante o passeio pela trilha, acompanhados por monitores, os alunos puderam sentir a natureza de perto, quando através das explicações os mesmo conheceram um pouco das espécies de árvores e alguns animais que habitam esta região, um momento de interação e aprendizado para nossos pequenos geógrafos (Figura 28).

**Figura 28:** Trilha interpretativa.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018).

Após finalizar nosso passeio pelo Jardim Botânico, pelas trilhas na mata e também ao redor do lago, realizamos um momento de interação e reflexão, onde todos puderam explicar um pouco do que perceberam e sentiram naquela experiência. Decorrendo também coube um momento de agradecimento aos monitores que gentilmente nos acompanharam durante toda a tarde (Figura 29).

Ao final de todas as atividades, chegamos a um dos momentos mais esperados pelas crianças e também pelos professores que as acompanhavam, a hora do piquenique ao ar livre, neste momento foi possível relaxar um pouco diante de toda a beleza e leveza daquela paisagem, e desfrutar de comidas saborosas, repondo assim as energias depois de tanta agitação (Figura 30).

**Figura 29:** Roda da interação.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018).

**Figura 30:** Piquenique ao ar livre.



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2018).

Ao vivenciar junto as crianças essa experiência de aula passeio no Jardim Botânico de Londrina, tanto a ansiedade pré-passeio, a euforia durante o passeio e os relatos pós-passeio, trouxeram-nos a força da sintonia da criança com a natureza, como se de fato elas estivessem em seu habitat natural.

Quando propomos o passeio as crianças gostaram da ideia, algumas já conheciam o lugar e para outras tudo seria novidade. A possibilidade do contato mexeu em seus imaginários e a experiência pós-contato criou memórias e despertou sentimentos que não serão facilmente esquecidos.

Através das imagens percebemos a curiosidade e a vontade de experienciar aquele lugar e percebê-lo em sua imensidão no olhar da infância. Acompanhados de monitores as crianças queriam conhecer tudo, e nada poderia as impedir de perguntar tudo que viesse à cabeça. A apreciação e o fascínio pela natureza em um local tão bonito como o Jardim Botânico, saltava aos olhos de todas, transmitindo sentimentos que só a pureza e a ingenuidade da infância permitem. As crianças manifestaram a vontade de usufruir do seu corpo e colocá-lo em contato com tudo aquilo, elas queriam tocar, cheirar, olhar, correr, pular e se integrar à natureza fora delas.

O tempo foi curto, mas desfrutamos dele, pois cada minuto para nós foi precioso, a natureza ampla e com todas as suas cores, texturas, cheiros e ainda a presença de mais crianças para dividirem as suas percepções, curiosidades e experiências. Não podemos perceber as informações no amplo imaginário infantil, mas podemos garantir que este foi ocupado naquela tarde por um extenso gramado verdinho, árvores, espelho d'água, animais, flores, estufa gigante, passeio por uma trilha e um saboroso piquenique, levando-nos a crer que este dia foi especial para elas.

Após a aula-passeio, a atividade foi finalizada com uma roda de conversa, seguindo a ideia de que "o real deve ser descrito, não construído ou constituído" (MERLEAU-PONTY, 2011. p.5), ressaltando a importância da presença das falas das crianças, descritas a partir de suas experiências e percepções reais, não sendo apenas uma análise, descrição ou interpretação de um adulto, através das falas podemos conhecer um pouco das percepções que elas tiveram sobre a experiência de sair da sala de aula e aprender em ambientes abertos e livres.

*A professora pergunta:*

- *O que vocês perceberam e sentiram, ao sair da sala e ir para o Jardim Botânico?*

*As crianças respondem:*

“O passeio no Jardim Botânico foi bem legal, a parte que eu mais gostei foi quando nós passeamos na trilha e na roleta para entrar”. (Pedro)

“Eu achei o Jardim Botânico muito bonito, tinha árvores e pato, eu aprendi que tem que cuidar das plantas, se não elas morrem e os professores disseram que o rio era um espelho d’água, eu escorreguei na grama, eu e minha amiga pisamos no tronco e viu que o tronco estava com sangue”. (Emily)

“Eu gostei de ir ao cinema, e eu vi uma árvore que produz água e depois eu vi uma planta que se chamava suculenta e cactos, eu gostei também de fazer a roda e o piquenique, brinquei um monte e eu senti a natureza, eu gostei muitos das árvores”. (Nathan)

“Eu senti um cheiro de alho e vi um pato, e teve um quero-quero, tinha uma ponte e rio e mais uma árvore grande, eu vi uma floresta e troncos grandes, e a gente subiu nos troncos, e nós assistimos um vídeo do Jardim Botânico, e nós fizemos grupos e brincamos de pega-pega e também um piquenique bem gostoso”. (Pietro)

“Nós chegamos lá e daí começou a chover, nós fomos ver um filminho sobre o Jardim Botânico, nós vimos vários tipos de árvores no filminho, depois fomos beber bastante água, nós brincamos um pouco e voltamos para dentro da salinha, vimos vários cartazes e vimos na salinha um galho em formato de jacaré, e fomos dar uma caminhada pelo Jardim Botânico, e nós vimos as árvores invasoras, vimos patos, escorregamos na grama, vimos quero-quero, tiramos fotos, a árvore de pau d’alho e terminou a nossa caminhada, passou uns minutos e fomos fazer a trilha eu vi vários tipos de flores e vários galhos caídos, muitas placas e voltamos e fizemos um piquenique e brincamos mais um pouco e acabou o passeio”. (Yasmin)

“Eu vi uma árvore pau d’alho, fui na trilha, assistimos filme, nós brincamos, fizemos piquenique, tiramos fotos, sentimos, tocamos e experimentamos a natureza, sentamos no banco da ponte, vimos o espelho d’água, vimos pato nadando e corremos, brincamos de pega-pega e foi muito divertido”. (Sara)

“Eu fui no Jardim Botânico e eu vi um bambu e o lago, e também ninho de passarinho e pato, árvore, tinha jacaré, mas mataram o jacaré, eu fiz piquenique e comi bastante, vi pedras grandes e pequenas, e tem árvore que é máquina, a árvore produz água, eu assisti dois filmes e foi bem legal ir no Jardim Botânico”. (Gabrielly)

“O Jardim Botânico é uma reserva da natureza com árvores, pássaros, fontes de água, animais, formigas, peixes, quero-quero, patos, nunca quero me esquecer de lá”. (Matheus)

“Eu fui no passeio no Jardim Botânico e eu senti o ar, foi muito legal, nós andamos um monte e eu vi um passarinho” (Isabelly)

“Primeiro nós assistimos a história do Jardim Botânico, na história aparecia a máquina de água que era uma árvore muito grande e a raiz era do tamanho de uma pessoa, e a história também falava do desmatamento, depois que vimos a história nós passamos no meio do mato, quando nós passamos no mato nós vimos dois patos lá no lago e três quero-quero e chegamos em uma árvore que tinha cheiro de alho, e depois passamos no “triuzinho” e depois fizemos um piquenique, brincamos um pouco e fomos embora” (Ana Beatriz)

“Que eu fazia parte da natureza, e eu senti o gosto e o cheiro de uma árvore que cheirava alho, tinha uma lagoa que se chamava lago do espelho, porque dava pra ver você no lago, e tinha árvores invasoras, elas matavam todas as árvores”. (Madeleine)

“No Jardim Botânico tinha um monte de rio chamado espelho d’água, e também tinha árvore chamada pau d’alho, também tinha jacaré lá, só que mataram ele na pedrada, coitado do jacaré, tinha um pato que não parava de fazer quá quá quá, lá no jardim botânico tinha uma grama escorregadiça, e paramos para escorregar, também tiramos muitas fotos”. (Diego)

“Eu fui no Jardim Botânico e lá nós assistimos a história do Jardim Botânico e nós vimos a máquina de água, nós vimos as árvores invasoras, cactos, nós fizemos uma trilha curta, vimos pau d’alho, fizemos piquenique, comemos, bebemos, brincamos e nós divertimos muito”. (Kamily)

Através dessas narrativas, percebemos a simplicidade da criança ao descrever os momentos que presenciaram durante o passeio, bem como a forma como elas expressaram sua experiência através do vocabulário infantil, algumas palavras aparecem no diminutivo, como “triuzinho”, “salinha”, “filminho”, também a presença do jacaré na fala de algumas crianças, que se surpreenderam com o seu fim trágico, e sentiram pena do pobre jacaré, de acordo com o que foi narrado a eles durante o passeio. A admiração pelo espelho d’água ficou evidente em alguns relatos, visto que algumas citam o “lago do espelho”.

É impressionante a sensibilidade das crianças quando se trata de algo que elas assistiram, como o momento do cinema, em que elas conheceram o ciclo da água, a absorção de água pelas plantas, sendo estas comparadas a uma máquina d'água, e a história do Jardim Botânico.

As crianças também se interessaram pela árvore pau d'alho, pois durante a trilha o cheiro de alho ficou bem forte e as mesmas questionaram sobre esse cheiro inusitado, sendo esclarecidas as dúvidas pelos monitores que nos acompanhavam.

A diversidade de espécies animais e vegetais foi destacada em vários relatos, quando os mesmos citam a observação de pássaros, peixes, animais de pequeno porte, árvores em diferentes tamanhos, além de seus fragmentos, com galhos e folhas encontrados durante a caminhada e que por meio da imaginação se tornavam brinquedos para alguns. O brincar e o escalar os troncos das árvores, promoveram um contato breve, porém integral criança/natureza, ainda não experienciado por grande parte deles.

Durante as observações o som dos pássaros pôde ser ouvido, e seus hábitos puderam ser percebidos sutilmente. A interação das aves de diferentes espécies, com outros animais e elementos da paisagem proporcionaram aos sujeitos uma visão de ecossistema singular, na qual os mesmos puderam observar diferentes populações de espécies interagindo com os componentes não vivos do meio.

Desta forma, podemos dizer que o contato com a natureza natural por meio de sensações como o cheiro, o tocar na água, o caminhar por um "triuzinho" com solo acidentado, o escorregar na grama, proporcionam emoções novas, as quais tendem a perpetuarem em suas memórias, além de auxiliar na construção dos mesmos como indivíduos conscientes, que respeitam a natureza como um ser semelhante.

Por meio da aula-passeio no Jardim Botânico, foi possível observar o comportamento infantil em espaços abertos, com a presença marcante do mundo natural. Pela possibilidade de liberdade, de forma espontânea, as crianças demonstraram como se dá o contato delas com a natureza, o que nos leva a acreditar que elas não dispõem desse tipo de contato em seu dia-a-dia, assim como a maioria

das crianças que vivem a vida urbana, com poucos ou quase nenhum momento de contato e convívio em áreas verdes.

Londrina, ainda disponibiliza de alguns espaços reservados a conservação da natureza e dos animais que ali habitam, como o Jardim Botânico que conhecemos neste passeio, o Parque Arthur Thomas, a Mata dos Godoy e ainda o Lago Igapó, que mesmo sendo localizado na área central de Londrina, dispõe de gramados, árvores, lago e animais de porte pequeno em seus arredores, entre outros. No entanto fica a cargo das famílias estimular este tipo de convívio e empatia pela natureza, essas experiências do corpo com a natureza ainda na infância são primordiais para o desenvolvimento humano, social e a consciência ambiental do indivíduo, mesmo que elas ainda não compreendam a magnitude e importância de sua preservação.

Devido à desvalorização da natureza/natural pelo homem moderno, ou seja, à vida na cidade parece não interessar esse convívio e com isso, parece ser parte da sua cultura o homem se apartar desta. Nesses exercícios pedagógicos de conversar sobre a natureza, estar em contato direto com ela, foi possível entendermos que desde a mais tenra idade, as pessoas precisam se reconectar com a natureza, pois ao serem estimuladas, as crianças parecem voltar as suas origens sensitivas, intuitivas, corpóreas, como foi visto em vários momentos da nossa aula passeio.

### 3. O REENCANTAMENTO DA NATUREZA PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Neste capítulo discutiremos os atuais desdobramentos acerca da relação sociedade e natureza, cujo o indivíduo nas fases da infância e juventude cresce distante da mesma, o que leva ao empobrecimento no desenvolvimento de sentimentos de amor e compreensão, não reconhecendo o seu pertencimento ao mundo natural.

Podemos perceber no cenário cultural, social, político e também na estrutura educacional, que diálogos acerca da dimensão ambiental tem ficado em segundo plano, ou até mesmo fora destes, promovendo um descaso em relação aos cuidados com a natureza.

Em contrapartida a estes pressupostos, são necessários para a construção de um novo pensamento ambiental, em todos os setores sociais, no qual a natureza deve ser entendida em sua totalidade, não como posse, mas como parte, em que seus recursos sejam extraídos de forma consciente, respeitando seus ciclos e limites, no intuito de preservá-la como ser igual. Contrariando assim a forma como vem sendo tratada pela cultura moderna, que vem devastando-a em prol de seus próprios interesses econômicos. “La cultura moderna se consolidó gracias a la creencia de que la naturaleza era ilimitada y estaba disponible como recurso para la racionalidad tecnocientífica infinita del ser humano”, ou seja uma cultura baseada na exploração e não no cuidado (ECHEVERRI, 2004, p. 29).

A mineração, o agronegócio e a indústria veem a natureza como matéria prima, visando majoritariamente o lucro e a produção em massa, desconsiderando seus limites e sua capacidade de regeneração. Culminando assim em cenários devastadores, com campos desmatados, morte de rios contaminados por agrotóxicos e os rejeitos de mineração, exploração animal, extração de recursos em demasia, entre outras diversas e avassaladoras ações.

Ao retomar tais posicionamentos e redirecioná-los a realidade da criança, é importante levar em consideração sua vivência em nossa sociedade cada vez mais tecnológica, com um número elevado de ferramentas de extensão da realidade, como celulares, computadores, televisão, videogames e demais instrumentos digitais.

É notório que o brincar na natureza não vem sendo uma opção, destacando um problema importante em que o distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma crise, visto que as consequências da falta desse elemento essencial na infância são significativas e podem afetar a saúde, bem estar e desenvolvimento da criança (TIRIBA, 2018).

Nesse sentido, esta pesquisa buscou junto a Educação Ambiental proporcionar subsídios para conscientização e reconexão com a natureza almejando despertar na criança o interesse em uma forma de vida mais harmônica e em sintonia com o meio ambiente, promovendo equilíbrio entre indivíduo e natureza, em um plano micro, e, em um plano macro, sociedade-natureza, perscrutando os caminhos da percepção e da experiência, como um acontecimento que nos forma e transforma ao mesmo tempo.

O professor é mentor na responsabilidade de incentivar as crianças a perceberem essa natureza, ainda que ela não seja percebida em sua totalidade, devido a realidade, no entanto, os estímulos podem enraizar-se, potencializando ganhos em prol do equilíbrio ambiental.

Assim, busca-se uma “reflexão sobre a importância da Educação Ambiental na infância – momento fundamental para se desenvolver uma afetividade em relação ao meio ambiente” (MOURA, 2007, p.135). Deve-se levar em consideração as incursões de Merleau-Ponty, que tal reconexão não se trata da criança com a natureza, mas sim da criança como natureza e a natureza fora dela, assim como todo indivíduo-natureza, abarcando algo maior e que deve ser compreendido, como um princípio de toda existência.

Reforçamos a necessidade desta reconexão, pois seguindo esta linha filosófica, ao se afastar da natureza, o indivíduo está se afastando de si próprio, de tal modo que não percebe que ao degradá-la e explorá-la de forma indevida, estará prejudicando-se,

essa questão pode não parecer visível à sociedade devido a escala temporal de resposta da natureza aos estímulos humanos.

O uso desenfreado dos elementos da natureza pode gerar a escassez, como ressalta Barbieri (2007), a noção de esgotamento da natureza está diretamente ligada a escala temporal humana, em tese todos os "recursos" podem ser renovados, porém, alguns em milhares de anos. O que é impensável para o padrão de consumo atual, sendo assim, será a perspectiva de tempo quem tornará um recurso renovável ou não.

Fica claro, que atualmente ainda dispomos de variados recursos naturais imprescindíveis a manutenção da vida, no entanto, os mesmos são finitos em uma escala temporal, se o indivíduo não se posiciona, como um ser social e que preza pelo futuro de suas gerações, assim como o futuro da humanidade, enquanto componentes de uma natureza que está sendo destruída, não compreenderá que sua ação de cuidado e atenção para com a mesma, implica em sua autodestruição.

Entendendo a importância de estimular o reencantamento do mundo, proporcionando à criança um contato direto com a natureza fora dela, é que se apresenta uma série de diálogos, imagens e experimentações pedagógicas, cuja proposta é de uma Educação Ambiental de corpo inteiro, ou em outras palavras, uma Educação Ambiental, em que a criança sinta sua corporeidade como uma extensão do mundo e se coloca, ela mesma, como parte da natureza.

A modernidade promoveu o divórcio entre o corpo e a mente, e na escola, o principal desdobramento foi a supervalorização do intelecto e o conseqüente desprezo pelas vontades do corpo, esse corpo que se move, que sente. A Educação ambiental vivencial deseja promover uma educação de corpo inteiro (corpo/mente) em sua extensão com o mundo da vida.

Consideramos que todos os indivíduos têm deveres com o meio ambiente, e neste sentido, devemos pensar e agir como uma sociedade consciente e preocupada com questões ambientais, trabalhar individualmente e coletivamente em prol do futuro, atuando no presente. E assim buscar uma perspectiva de reversão desse cenário global,

que preze principalmente em todos os setores os aspectos ambientais como parte inerente nos planos de desenvolvimento e crescimento.

Os encaminhamentos metodológicos foram pensados e planejados com o objetivo de mostrar para os estudantes a importância da natureza em nossas vidas, destacando a necessidade de se promover novos hábitos, condutas e atitudes que possibilitem uma maior sensibilização, valorização e conservação dos elementos naturais, ou seja, uma consciência ambiental como um fator imprescindível para uma maior qualidade de vida na infância e no decorrer de todas as fases da vida.

Para a promoção dessa reconexão com a natureza é de grande importância o diálogo entre teoria e prática, cabendo ao professor e a família o papel de mediador e as crianças o papel de sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, sendo que a pesquisa, preparação e planejamento são fundamentais para uma maior efetividade dos objetivos propostos.

Não há como afirmar se todos os alunos modificaram de fato seu comportamento diante das vivências propostas, entendendo a sua real importância, no entanto, em sua totalidade todos os encaminhamentos do trabalho foram produtivos, pois os estudantes mostraram interesse no assunto e ficaram felizes ao realizar todas as atividades, os desenhos, as narrativas de brincadeiras, e o passeio no Jardim Botânico. Além disso, acredita-se que as experiências vividas estimularam novas ideias, pensamentos e sentimentos, que no futuro podem gerar práticas capazes de mobilizá-los diante de uma formação mais crítica e consciente que contribua em suas vivências e experiências com a sociedade onde vivem, bem como seu corpo-natureza.

## [CONSIDERAÇÕES FINAIS]



A presente pesquisa se debruçou na correlação entre indivíduo e natureza, com base nos estudos de Merleau-Ponty, que aponta a não distinção entre homem e natureza, assim, foi levado em consideração a relação das crianças com a natureza na cidade.

Diante das questões iniciais deste trabalho: Qual natureza estas crianças vivenciam atualmente? Quais são suas brincadeiras preferidas? A pesquisa propôs um estudo, buscando pensar o modo de vida e as ações contemporâneas das crianças em uma escala local, mas que também pode ser pensada a uma escala global.

Essa premissa tomou força e mostrou-se relevante nos levando a refletir sobre a sua importância ao entender que a natureza proporciona a criança o desenvolvimento de diversas habilidades, ampliando suas memórias e sensações, e, principalmente, contribuindo de forma efetiva para desenvolver a sua corporeidade, intelecto e afetividade, desta forma esse contato se mostra essencial para o desenvolvimento físico e emocional da criança.

Assim, as experiências na natureza, impulsionadas pela fenomenologia da imaginação e percepção, conduzem a uma reflexão acerca da importância da educação ambiental, a qual deve ser construída e incentivada desde a infância, via uma relação de empatia, acreditando nesse caminho como um meio de reversão dos modos de vida da sociedade atual, a partir do qual essa nova geração colherá os frutos que forem plantados hoje, no entanto podem trilhar novos caminhos para um futuro mais próspero e amigável entre homem e natureza.

A fim de propor soluções para os problemas ambientais tão presentes em nossa sociedade, ressaltamos a importância da consciência ambiental ser estimulada em todas as fases da vida, para que por meio da experiência do contato, o indivíduo perceba-se como ser integrante da natureza. Uma vida vivida e apreendida em contato íntimo com

o mundo natural pode ativar sentimentos e desenvolver potenciais imprescindíveis para a saúde e bem estar de toda a população em escala global, motivando a conscientização em diversos âmbitos, como social, político, ambiental e cultural.

Nossos resultados apontaram que é na infância que frutos importantes podem ser semeados, visto que durante a pesquisa observamos que as crianças necessitam manter um contato com a natureza fora delas, criando laços com o seu eu-natural e enxergando-se como parte da natureza e não como detentoras dela.

Concluimos que a compreensão das experiências da criança, bem como a forma como ela relaciona-se com o mundo em si e com a natureza, fornece subsídios importantes que indicam a necessidade de uma educação ambiental vivencial, mediada pela escola, provendo a criança de experiências que visam seu desenvolvimento humano e altruísta.

Desta forma, buscamos compreender o papel da escola em oportunizar as crianças a vivenciarem diferentes experiências. Este trabalho desdobra uma nova possibilidade investigativa ao passo que realiza experimentações nesse espaço-tempo escolar, onde procuramos dar liberdade a imaginação das crianças participantes, e protagonistas de aprendizagens conectadas com a vida.

Ao respondermos os questionamentos feitos no início da pesquisa outras suposições foram levantadas, as quais podem servir de subsídio para o desenvolvimento de estudos futuros. Questionamo-nos se essas crianças fossem de uma realidade mais abastada, como seriam suas brincadeiras e como dar-se-ia o seu contato com a natureza? A hipótese inicial é de que há diferenças ao se comparar as brincadeiras e a relação da criança com a natureza em grupos de distintas classes sociais. No entanto, não fez parte do escopo desta pesquisa investigar tal realidade, o que torna possível a realização de um novo estudo com este caráter comparativo.

## REFERÊNCIAS

- BARBIERI, J. C. **Gestão ambiental empresarial: conceitos, modelos e instrumentos**. São Paulo: Saraiva, 2007. 382 p.
- CABRAL, Luiz Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, v. 15, n. 30, p. 34-45, 2000.
- CENSO, I. B. G. E. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 23 jan. 2019, v. 23, 2010.
- DA NÓBREGA, Terezinha Petrúcia. Corpo e natureza em Merleau-Ponty. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 20, n. 3, p. 1175-1196, 2014.
- DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. Perspectiva. São Paulo, 2015.
- ECHEVERRI, A. P.N: **El Reencantamiento del mundo**. Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente – PNUMA – Oficina Regional para América Latina y el Caribe: Manizales, 2004.
- FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973).
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, v.35 n.3 - p.20-29. São Paulo, 1995.
- HOLZER, Werther. **Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico**. Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 149-168, 1999.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, v. 2, n. 3, p. 77-85, 1997.
- HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista – sua Trajetória de 1950 a 1990**. 1992. p. 550. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGG.
- LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. 1 ed. São Paulo: Aquariana, 2016.
- LOWENTHAL, D. **Geography, Experience, and Imagination: Towards a Geographical epistemology**. Annals of the Association of American Geographers, v.51. n.3, 1961.
- LOWENTHAL, D. **The Past Is a Foreign Country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice: **A natureza: curso do Collège de France; texto estabelecido e anotado por Dominique Séglaard**. Trad. Álvaro Cabral. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice: **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Original publicado em 2001).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sur la phénoménologie du langage**. Desclée de Brouwer, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 1989. (Coleção Os Pensadores).

MOURA, J. D. P, Educação Ambiental na Infância: práticas e reflexões. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado. **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007. p. 220

OLIVIER, Giovanina Gomes de Freitas. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. 1995. 108 fls. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP.

TELLES, T. C. B. **A infância na fenomenologia de Merleau-Ponty**: contribuições para a psicologia e para a educação. Revista do Nufen, Belém, v. 6, n. 2, p. 4-13, 2014.

TIRIBA, Lea. **Desemparedamento da infância**: A escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Criança e natureza e Alana, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Thought landscape**: the eye and the mind's eye. Meinig, Donald W.(ed.), 1979.

REZENDE, Antonio Muniz. **Concepção fenomenológica da educação**. Cortez Editora, 1990.

Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos - **Jardim Botânico de Londrina**.

Disponível em:

<http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=137>  
Acesso em: 10 jan. 2019.

Sistema de Informação Geográfica de Londrina (**SIGLON**), 2019. Disponível em:

<http://siglon.londrina.pr.gov.br/arcgis/apps/webappviewer/index.html?id=825051b5b90e40739752ef474b8b67a5>. Acesso em: 20 jan. 2019.

## ANEXOS

**Escola Municipal Osvaldo Cruz****Autorização para o passeio no Jardim Botânico de Londrina**

Autorizo meu filho(a) \_\_\_\_\_ turma 3ºC, a participar de um passeio no Jardim Botânico de Londrina no dia **31/10** (quarta-feira) no horário de aula (13:30 às 17:30). Será solicitado uma contribuição de R\$10,00 para o transporte. Levar lanche para fazer um piquenique coletivo. Em caso de chuvas o passeio será remarcado para outra data.

(  ) Autorizo

(  ) Não autorizo

**Assinatura do responsável**

\_\_\_\_\_